

CELULOSE & PAPEL

ANO III - MARÇO/ABRIL 1987 - N.º 9

3(9)

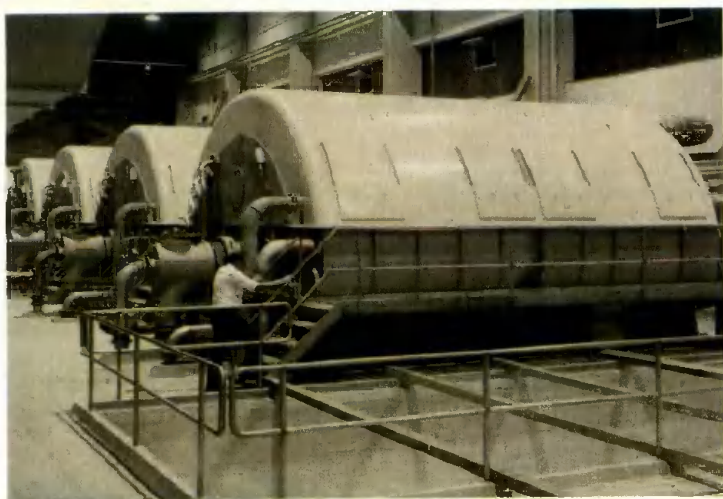
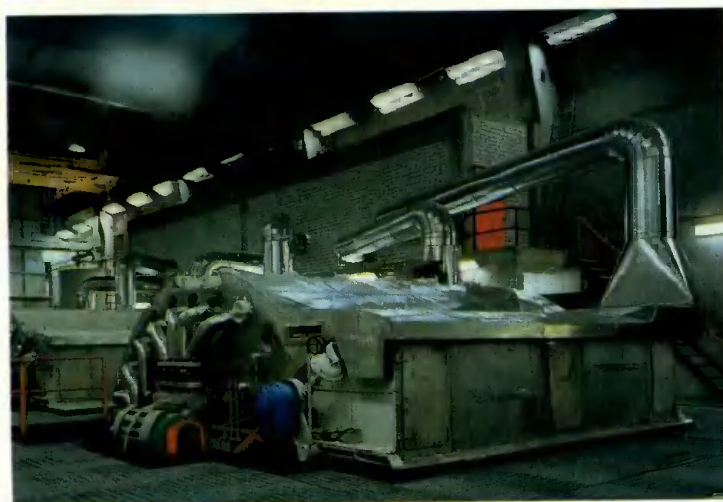
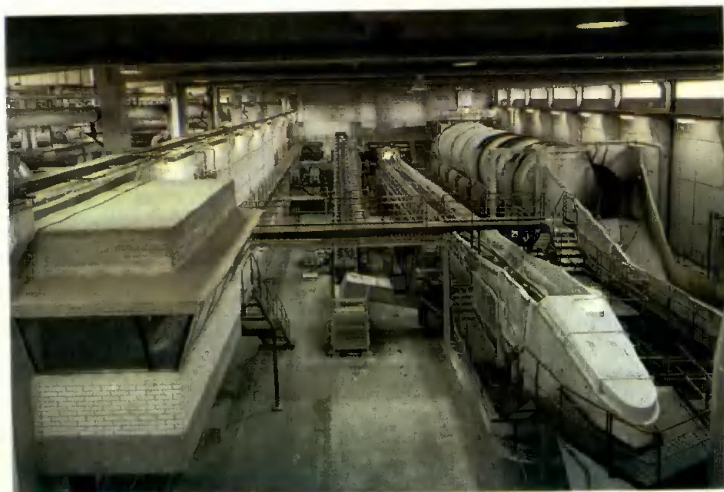
**QUAL O FUTURO
DO LIVRO
NO BRASIL?**



Perfil de empresa:
**MONTE DOURADO
LEVANDO PROGRESSO
À AMAZONIA**

Beloit - Rauma.

Máquinas de padrão internacional produzidas no Brasil.



A nova e grande fábrica de celulose da Cia. Metsa-Botnia, em Kaskinen, Finlândia, é hoje considerada como uma das mais modernas e eficientes fábricas do setor em todo o mundo.

Ela foi projetada para produzir 800 toneladas de celulose branqueada por dia. Porém, a grande produtividade de suas máquinas fizeram com que a produção da fábrica atingisse 950 toneladas por dia, após 80 dias do início da produção.

Estas mesmas máquinas também estão sendo fabricadas no Brasil pela Beloit-Rauma, mantendo o mesmo padrão internacional de qualidade e rendimento.

As instalações e equipamentos individuais, descritos a seguir, foram fornecidos pela Rauma-Repola:

- Movimentação do pátio de madeira.
- Equipamento para tratamento da madeira, incluindo tambor descascador, picadores e peneiras para cavacos.
- Linha de lavagem de pasta para resíduos de serraria, compreendendo lavadores pressurizados Rauma-Repola.
- Lavadores / Engrossadores.
- Planta de branqueamento, incluindo 6 lavadores Rauma-Repola.
- Planta de dióxido de cloro.
- Bombas de alta consistência.
- Engrossador para rejeitos.
- Filtro de licor negro.

BELOIT-RAUMA

Beloit-Rauma Industrial Ltda.
Rod. Campinas - M. Mor SP 101 - Km 3,8 - V. Lunardi
Tel.: 41-8655 - CEP 13100 - Campinas SP - CP. 1858
TLX (019) 1316 BELT.

CELULOSE & PAPEL

SÃO PAULO - ANO III - MARÇO/ABRIL 1987 - Nº 9

A revista **Celulose & Papel** é o órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Rua Afonso de Freitas, 499 - CEP 04006 - São Paulo - SP - Fone 885-1845

Diretor Responsável

H. Horácio Cherka

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pi

Aldo Sani

Benjamin Solitrenic

Boris Tabacof

Jamil Aun

Lenomir Trombini

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

Conselho Consultivo

GT - 2 - Divulgação

Coordenação Geral

Sandra Maria Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial.



UNIPRESS EDITORIAL

Diretores

Alaôr José Gomes

Múcio Borges da Fonsêca

Reginaldo Finotti

Editor

Antônio Albino Pinheiro Marinho

Redação

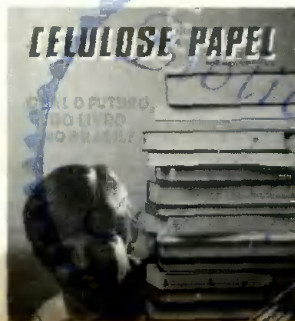
Celso Lugaretti, Denilson Vasconcelos, Heliana Álvares e Waldemir Marques.

Colaboradores: Ricardo Schmitt (**Texto**); Israel Teixeira, Jaécio Santana (**Fotos**); Silvio Sugita (**Diagramação e produção gráfica**); Maria Cecília Felix Calça (**Past-Up**).

Publicidade: Antônio Carlos Pinto de Azevedo

Redação e Administração: Av. Paulista, 2.006 - 11º andar - Conj. 1.103 a 1.109 - Fones (011) 251-0643/251-0495/251-0366/285-6233 - Telex 1132183 - CEP 01310 - São Paulo-SP.

Composição: Linoart Fotocomposição Ltda
Fotolito e Impressão: Unikron Fotolitos e IPSIS Gráfica e Editora S/A



QUAL O FUTURO DO LIVRO NO BRASIL?

16

A iniciativa privada e o Governo, numa conjugação de esforços que implicará investimentos superiores a US\$ 700 milhões, lançam a campanha "Leia! Mais se faz com homens e livros", com o objetivo de estimular o hábito da leitura. A iniciativa pretende ampliar o consumo nacional de livros, atingindo a média brasileira anual dos últimos cinco anos, de cinco exemplares *per capita*, até 1991.

O BRASIL NO RANKING DA PPI

19

Por acordo com a Miller Freeman Publications, dos EUA, a revista *Celulose & Papel* obteve licença para reproduzir matérias da "PPI - Pulp & Paper International". Já neste número, estamos dando a posição do Brasil no ranking mundial de produtores de papel e celulose.

UMA HISTÓRIA DE OUSADIA

20

Em plena Amazônia, a Companhia Florestal Monte Dourado implantou um dos mais importantes complexos produtores de celulose do mundo. A fábrica, montada no Japão e trazida por via marítima ao Brasil, exporta atualmente 70% de sua produção.

ESTATÍSTICA: DESEMPENHO 86

25

A ANFPC publica os números de sua "Conjuntura Setorial", trabalho estatístico que mostra o desempenho do setor durante o ano de 1986. A pesquisa abrange todo o universo industrial do setor e apresenta a análise dos principais indicadores de produção.

OPÇÃO CONTRA A POLUIÇÃO

30

A biodegradabilidade do papel, assim como suas possibilidades de reaproveitamento, dão a este produto muitas vantagens sobre o plástico.

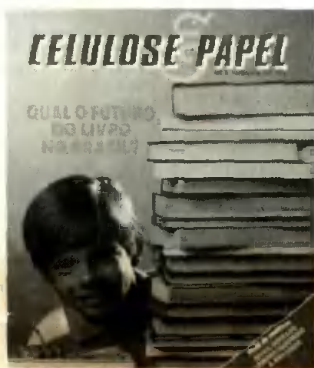
CELULOSE NÃO-MADEIRA

36

A crescente demanda do setor celulósico-papeleiro por matéria-prima tem levado técnicos a pesquisar para utilização alternativa de novas essências para a produção de celulose.

E MAIS:

SUMMARY	4	GENTE O perfil de Sinibaldo Trombini	40
EDITORIAL Balanço do desempenho do setor em 1986	6	NOTICIÁRIO ABCP	44
NOTICIÁRIO	9	NOTICIÁRIO ABIGRAF	46
LIVROS/CARTAS	14	EVENTOS	47
SEPACO Ampliação da assistência médica	34	OPINIÃO - Mercado acionário	50



NON-WOOD PULPS

Thirty years ago, Brazil first developed eucalyptus pulp. This fiber is now exported to all parts of the world. Today, researchers and companies in Brazil's pulp and paper industry continue the development of alternative fibers which can offer either lower costs or superior product quality. The study entitled *Non-Wood Pulps* shows the present stage of research in various fibers such as sugar cane and babaçu as well as their potential use in the large-scale production of pulp.

PROFILE: COMPANHIA FLORESTAL MONTE DOURADO

The economic exploration of the immense potential of Brazil's Amazon Region without harming the environment has become reality in the Companhia Florestal Monte Dourado. The company presently produces 230,000 metric tons of high quality pulp each year. Exports total approximately 70 percent of this volume. The company is a model for large industrial projects in northern Brazil.

BOOKS AND READING IN BRAZIL

The average Brazilian reads three books each year. This low figure must be increased. With this as a goal, the paper and publishing industries together with the government will undertake a multi-million dollar effort to raise the annual per-capita consumption of books to 5 by 1991. The campaign was launched in March with the slogan "Read! A country is built with men and books."

INDUSTRY PERFORMANCE

For the last ten years, the National Association of Pulp and Paper Producers — ANFPC has kept monthly statistical information on the pulp and paper industry's activity. This report, circulated to members, carries labor, salary and tax figures as well as production and sales statistics grouped by product line and end-use. In this issue we publish information relating to the industry's performance during 1986.

COM O CONTROLE CERTO, A QUALIDADE NÃO FICA SÓ NO PAPEL.



Euro Control no controle da indústria de papel e celulose.

EURO CONTROL



- Instrumentos de medição
- Sistemas de instrumentação analógica para controle de processos
- Controladores microprocessados.
- Estações de operação e Sistemas digitais de controle distribuído

Tecnologia de ponta: nosso cartão de visita.

Um constante investimento em pesquisa e uma super-valorização do talento profissional levaram a Euro Control a desenvolver uma tecnologia de ponta em painéis e sistemas de controle, tornando-se, hoje, a empresa que oferece a maior abertura, a nível de produtos, para todos os segmentos da indústria de papel e celulose.

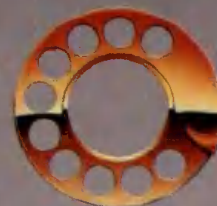
Sistemas apropriados ao papel de cada empresa.

Digitais ou analógicos, de fácil instalação e manutenção, os sistemas de controle da Euro Control atendem, com a

mesma eficiência, às necessidades da sua empresa. O importante para a Euro Control é oferecer uma solução sob medida para cada cliente.

Lucro líquido, na ponta do lápis.

Os sistemas de controle Euro Control não garantem apenas um padrão de qualidade uniforme nos produtos. Eles vão além. Otimizam o processo de produção, tornando-o mais rentável. E garantem, também e principalmente, um aumento no lucro líquido da sua empresa. Tudo isso a Euro Control tem como provar. E você tem como conferir.



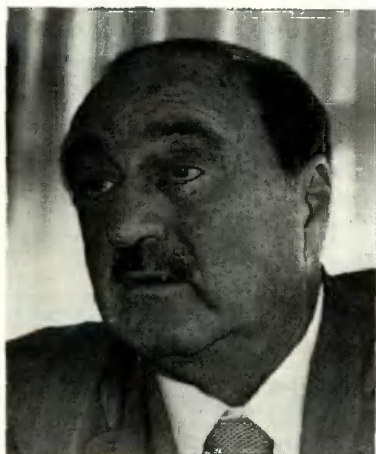
**DISQUE
EURO
523-9799**

EURO CONTROL

Tecnologia de ponta sob controle.

EURO CONTROL INSTRUMENTOS
E SISTEMAS LTDA.
Av. João Dias, 2306 - Tel.: (011) 523-9799
CEP 04724 - Telex: (11) 22962
São Paulo - SP

AS PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE



O faturamento estimado do setor foi da ordem de Cz\$ 36 bilhões, o que equivale a 1% do Produto Interno Bruto.

Os últimos 10 anos (1976 a 86), evidenciaram a capacidade de desenvolvimento do setor, com a produção de papel evoluindo a uma taxa média anualizada da ordem de 8,2% e a de celulose de 11%. O Brasil alcançou a auto-suficiência e tornou-se um importante exportador.

1986 configurou o excepcional crescimento da economia com o PIB registrando expansão de 8,2%; o setor industrial evoluiu com 12,1%.

A demanda doméstica de papel e celulose esteve bastante aquecida e, mesmo com o setor operando a plena carga (92% de utilização da capacidade instalada para celulose e 91% para papel), houve dificuldades para atender os picos de demanda, principalmente no segmento de embalagens de papelão ondulado.

O mercado externo manteve-se comprador, com preços mais remuneradores que os praticados no interno.

Segundo dados preliminares, a produção brasileira de papel atingiu 4,485 milhões de toneladas (11,5% sobre 1985). A de celulose, afetada pela quase ausência de novos investimentos, foi de 3,580 milhões de toneladas (mais 5,2%).

O faturamento estimado do setor, em valores correntes, foi da

ordem de Cz\$ 36 bilhões: 1% do PIB; as empresas geraram impostos diretos de Cz\$ 6,5 bilhões.

O consumo aparente de papel foi estimado em 4,058 milhões de toneladas, crescendo 12,8% em relação a 1985. O consumo *per capita* subiu de 26,5 kg para 29,3 kg/habitante.

O papel imprensa registrou o maior crescimento de consumo — cerca de 36% — atingindo 379 mil toneladas. Toda a produção nacional foi absorvida e, ainda, importadas 171 mil toneladas. Na área de papéis de imprimir e escrever a produção foi ampliada cerca de 18% e, na de papéis para embalagem, de 12%. Outro crescimento expressivo foi o de caixas de papelão ondulado, que registrou evolução de 22% nos meses de pico de vendas.

Exceção: a produção de papéis sanitários, cujos preços estiveram tabelados a níveis abaixo da realidade de mercado, declinou 1%.

As importações de papel e celulose foram da ordem de US\$ 164 milhões, 59% acima de 1985: 286 mil toneladas de papéis, (60% de imprensa) e cerca de 42 mil toneladas de celulose de fibra longa. As exportações parcialmente contidas pelo crescimento da demanda interna, atingiram US\$ 687 milhões, 26% acima do ano

anterior. Foram exportadas 712 mil toneladas de papel, 31,0% a mais que 1985, e 913 mil toneladas de celulose, 2,6% a menos, com prioridade de atendimento ao mercado interno, que absorveu 84% da produção de papel e 75% da de celulose.

No período de 1979 a 1986, o setor reduziu de 66% o consumo de combustíveis derivados de petróleo, substituindo-os por alternativos energéticos nacionais, principalmente pela biomassa florestal. Em 1979, para produzir uma tonelada de produto acabado, consumíamos 350 kg de combustível: 276 kg de óleo e 74 kg equivalentes de alternativos. Hoje, para produzir a mesma tonelada de produto acabado, usamos 309 kg de combustível, dos quais 65 kg de óleo e 244 kg de alternativos. Um sucesso pelo qual somos penalizados com o crescente aumento do preço da madeira, nosso principal insumo. Para agravar esta situação, os reflorestamentos no País, não estão crescendo na proporção necessária: de um total de 597 mil hectares que o setor submeteu ao IBDF no período de 1981 a 1986, aquele órgão só aprovou 289 mil hectares.

Outro problema, que nos preocupa é o referente aos preços da celulose, com os quais ocorre grave distorção. A celulose fibra curta branqueada, cujo preço CIP, à taxa do dólar da quarta semana de março, era equivalente a US\$ 300 por tonelada, enquanto no exterior seu preço era de US\$ 520, FOB. Uma diferença de US\$ 220.

A FAO publicou recentemente um estudo no qual prevê que a demanda mundial de papéis deverá crescer à taxa anual de cerca de 3% nos próximos 10 anos, enfatizando as reais oportunidades para países com vantagens comparativas ampliarem suas exportações. O Brasil é um deles.

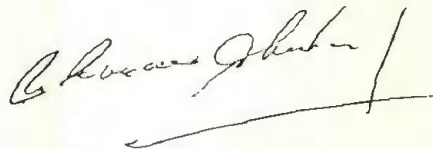
O Governo, através do MIC, reconhece esta potencialidade e considerou o setor como prioritário.

Vários projetos e intenções de investimentos, se concretizados, representarão um acréscimo de 60% na capacidade de produção de celulose e de 30% na de papel, com a aplicação de US\$ 3,2 bilhões até 1993. Com o que será possível atender à demanda interna, e manter a participação do setor no mercado externo.

Não obstante, além da fonte do BNDES, teremos de buscar outras alternativas de financiamento considerando o alto montante dos recursos necessários, já que nossa indústria requer capital intensivo.

Temos discutido, entre outras, duas possibilidades: a de reaplicação de parcela dos lucros, isenta do Imposto de Renda e a da contratação de financiamentos externos com pagamento em celulose e/ou papel. Acredito que estes são os caminhos para viabilizar o aporte do capital necessário.

O desenvolvimento de nosso setor, como de todos os outros, vai depender do sucesso das medidas políticas e econômicas em curso no País. Com um pouco de imaginação e muito trabalho creio que encontraremos as soluções adequadas.



H. Horácio Cherkassky

Presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e da Cicepla - Confederação da Indústria de Celulose e Papel Latino Americana.

Se concretizados, os projetos de investimentos representarão 60% de acréscimo na produção de celulose e 30% na de papel.

"O FIM DA ERA DO CARBONO"

**EXTRA
COPY**

O mundo evolui rapidamente. A tecnologia ultrapassa todas as barreiras e uma nova era se inicia: Extra Copy, o papel autocopiativo que dispensa o uso do carbono. A partir de agora, cópias rápidas, práticas, limpas, seguras e perfeitas.



Papel Simão

Consulte seu tradicional fornecedor de formulários.

Seminário debate comércio exterior



Mário Amato, presidente da Fiesp, abriu os trabalhos.

O empresariado brasileiro deve atentar para uma observação mais precisa dos códigos que regem o Gatt (Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio), uma vez que, desde janeiro último, o País está obrigado ao cumprimento de normas já existentes no âmbito geral, desde 1979. Algumas dessas normas são o Código Antidumping e o Código de Subsídios às Exportações e Direitos Compensatórios.

Estas e outras questões, pouco conhecidas no Brasil, mas de grande relevância nos planos econômico, político e diplomático, foram debatidas no seminário sobre Aspectos Jurídicos e Operacionais do Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio, realizado no último dia 11 de março, na Fiesp-Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. O evento foi promovido pela Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia de São Paulo; Instituto de Direito Internacional

e Relações Internacionais; Departamento de Direito Internacional da Faculdade de Direito da USP; e pela própria Fiesp.

Os trabalhos foram abertos pelo presidente da Fiesp, Mário Amato e presididos, na parte da manhã, pelo embaixador Luiz Villarino Pedrosa, chefe do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty e por Jamil Nicolau Aun, diretor do Departamento de Comércio Exterior da Fiesp e presidente do Sindicato da Indústria de Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo.

Entre outros, o temário abordou aspectos como "Evolução Histórica dos Aspectos Jurídicos e Institucionais do Gatt", "Código Antidumping e Código de Subsídios às Exportações e Direitos Compensatórios", "Código de Normas Técnicas do Gatt", "Soluções e Controvérsias".

seus atuais dirigentes.

Agora a denominação da empresa passa a ser Canberra Pumps do Brasil Indústria e Comércio Ltda. A linha de produtos permanecerá inalterada, com idêntico suporte tecnológico, garantias, fornecimento de peças e assistência técnica. A nova empresa continuará utilizando a marca "Goulds".

Goulds agora é Canberra Pumps

A Goulds, tradicional fabricante de bombas centrífugas para o setor de celulose e papel, acaba de ser adquirida por um grupo de investidores, do qual participam alguns de

Prêmio já recebe primeiras indicações

Já estão sendo recebidas indicações para o "Prêmio Companhia Suzano de Pioneirismo Empresarial", cujo objetivo é distinguir iniciativas empresariais que, nos últimos 30 anos, tenham contribuído para o desenvolvimento nacional, estimulando o crescimento de diversos segmentos da sociedade, além de projetar o País no exterior.

Podem ser indicadas iniciativas de qualquer área empresarial, originadas no Brasil. Uma vez aprovadas pela Comissão de Seleção, as indicações serão pesquisadas em profundidade, para levantamento

de dados, que comprovem se as mesmas atendem aos objetivos da premiação.

A Comissão de Seleção é formada por Esther de Figueiredo Ferraz, Mário Henrique Simonsen, Joelmir Betting, Mário Bhering, Crodowaldo Pavan, Rômulo de Almeida e Karlos Rischbieter.

O prêmio será entregue no dia 24 de agosto de 1987, data em que se comemora o 30º aniversário do início da produção industrial da celulose de eucalipto, no Brasil, pela Suzano.

As indicações poderão ser feitas junto à Secretaria Executiva do "Prêmio Cia. Suzano de Pioneirismo Industrial", à rua Dr. Amâncio de Carvalho, 507 - CEP 04012 - São Paulo - SP. Maiores informações pelo telefone 572-5055.

C-E Brasil incorpora tecnologia da Sprout

A C-E Brasil anuncia que sua matriz, a *Combustion Engineering*, acaba de adquirir a *Sprout-Waldron*, incorporando ao grupo uma nova empresa: a *Sprout/Bauer Inc.* Com a operação, a C-E melhorará seu atendimento ao mercado mundial de pasta e papel,

especialmente para o segmento de pastas mecânicas.

A *Combustion Engineering* fornece equipamentos, sistemas e serviços para a indústria de pastas e papéis e para outros mercados industriais. Com a incorporação da tecnologia da *Sprout* na produção de equipamentos para produção de papel e celulose, a C-E Brasil pretende aumentar e aprimorar sua capacidade de atendimento ao mercado nacional.

Central de informações sobre eventos técnicos

O Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia - IBICT, vinculado ao CNPq, coloca à disposição sua central de informações sobre eventos da área de Ciência e Tecnologia realizados no País e no exterior.

A central, totalmente automatizada, fornece aos usuários

desde a data e local de realização do evento, sua classificação em áreas de interesse, até a identificação das entidades promotoras e patrocinadoras. As informações são compiladas diariamente e permanentemente atualizadas.

As consultas à Central do IBICT podem ser feitas através do telefone (061) 226-6074, do telex 612481 CICT, ou por correspondência para DCI/IBICT (SCN Quadra 2-Bloco K - Brasília - DF - CEP 70710).

Fusão para fabricar máquinas

Uma das maiores empresas de máquinas para fabricação de celulose está surgindo no mercado internacional, com a fusão das empresas escandinavas Svenska Cellulosa-SCA (Suécia) e United Paper Mills (Finlândia), com o grupo norte-americano Ingersoll-Rand. O empreendimento inclui a subsidiária IMPCO da Ingersoll-Rand, em Nashua, New Hampshire (EUA), a Sunds Desfritador (Suécia) e fábricas na Finlândia.

Os três grupos dividem a

participação no empreendimento, que terá controle administrativo das Sunds Desfritador. A fusão busca oferecer considerável eficiência em pesquisa e desenvolvimento, fabricação, vendas e marketing. A linha de produtos inclui equipamentos usados para fabricação de celulose e papel, processos químicos para redução de pasta, processos de alto rendimento, preparação de estoque e chapa corrugada para caixas.

A fusão ainda depende de aprovação dos governos sueco e norte-americano e pretende, além da ampliação da linha de produtos, desenvolver uma política de conquista de novos mercados, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá.

Ceag: tecnologia para pequenas empresas

O Ceag/MG tem um cadastro com 122 institutos para atendimento na área de assistência tecnológica. Estas informações são repassadas através do Programa de Apoio Tecnológico à Pequena e Média Empresa, com a finalidade de desenvolver um trabalho

de assistência tecnológica junto às micro, pequenas e médias empresas, facilitando seu acesso às tecnologias disponíveis, incentivando o desenvolvimento de novas tecnologias e estimulando o aumento de produtividade.

Os empresários interessados na utilização desse programa devem dirigir-se ao Departamento de Assistência Tecnológica do Ceag/MG, à rua Cláudio Manoel, 639 - Belo Horizonte - MG.

Software garante aplicações seguras

A Ultrafertil e a Jaako Poyry Engenharia acabam de fechar contrato com a Tiger Sistemas e Implementações para aquisição de 24 cópias cada uma do software SCUA (Sistema de Controle de Usuários e Aplicações).

Com este produto, totalmente desenvolvido no Brasil, as empresas poderão gerenciar aplicações, independentemente do número de usuários, com absoluta segurança de dados, permitindo a definição de vários níveis de acesso, além de promover a padronização de seus sistemas. Isto garantirá que usuários de diferentes graus de especialização possam utilizar da mesma forma qualquer equipamento.

Suzano adquire poliguindaste

A Kabi Indústria e Comércio está apresentando ao mercado o seu poliguindaste "Multibenne", tipo Brooks. Especialmente projetado e fabricado para a Cia. Suzano de Papel e Celulose, o equipamento tem capacidade para até sete toneladas de elevação, operando quatro tipos de caçambas estacionárias (1,5; 2,5; 4,5; e 7 metros cúbicos) próprias para coleta de rejeitos do digestor, aparas das máquinas de

pintar, rejeitos em geral, aparas de papel, leite e lama de cal, pó e lasca de madeira, cinza úmida, lixívia verde, entulho, lixo e outros materiais produtivos e improdutivos.

O equipamento possui duas sapatas de sustentação de tipo articulável, de funcionamento e controle hidráulico, independentes, para um perfeito nivelamento em qualquer terreno. Todos seus componentes, como cilindros, bombas e comandos, são óleo-dinâmicos e de fabricação própria e constante de Kabi, o que permite uma assistência técnica permanente.



O equipamento tem capacidade para até sete toneladas

Pira amplia sua fábrica-piloto

A Divisão de Papel e Papelão da Pira, tradicional associação britânica de pesquisas distribuídas sem fins lucrativos, esta desencadeando um ambicioso programa de ampliação das instalações de sua fábrica-piloto. Estão previstos a instalação de uma máquina de papel em miniatura — doada por Reed, Paper & Board (Reino Unido) — um pulpificador de alta consistência, uma célula de flutuação e o desenho, construção e instalação de uma unidade de prensa de secagem.

Com estas providências, a Pira pretende aperfeiçoar os

serviços que oferece às indústrias de papel e papelão. Os equipamentos auxiliarão na pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e poderão ser utilizados em programas de empresas particulares para aperfeiçoamento e desenvolvimento de produtos.

A Pira é um centro de consultoria e planejamento do Reino Unido que serve às indústrias de papel e papelão, gráfica e de embalagem. Sua Divisão de Papel e Papelão conta com uma equipe de cerca de 70 profissionais. Entre outros, a Pira presta serviços de engenharia e pesquisas de produtos e de mercado, além de elaborar estudos para investimentos para empresas do setor. Para maiores informações, contatar R.W.J. McKinney, pelo telex 929810.

Concurso incentiva artes gráficas

A Abigraf (Associação Brasileira da Indústria Gráfica) coordenará no Brasil o IV Concurso Latino-Americano Roberto Macri, promovido pela Conlatingraf (Confederação Latino-Americana da Indústria Gráfica) no sentido de incentivar o desenvolvimento das artes gráficas. O evento é aberto à participação de empresários e profissionais gráficos, estudantes de escolas técnicas, assessores de Câmaras, Associações e Federações Nacionais dos países filiados à Confederação, que já tenham editado alguma obra na América Latina, de 1984 até agora.

“O Desenvolvimento da Indústria Gráfica na América Latina” é o tema proposto, não havendo nenhuma limitação quanto ao número de páginas a ser apresentado. Recomenda-se, no entanto, que as obras tenham um mínimo de 50 laudas datilografadas em espaço duplo. A participação poderá ser individual ou em grupo e as obras, em quatro vias, deverão ser enviadas pelo correio às Câ-

maras ou Associações filiadas à Conlatingraf. A estas entidades caberá a tarefa de selecionar as publicações recebidas e de remetê-las à Comissão Julgadora, designada pela 33.^a Assembléia da Confederação.

No Brasil os trabalhos concorrentes deverão ser entregues na sede da Abigraf, à rua Marquês de Itu, 70 - 12.^o andar, CEP 01204 - São Paulo - Capital.

Os jurados avaliarão os trabalhos com notas de 4 a 10 pontos e seus conceitos sobre as mesmas serão enviados por escrito ao presidente da Conlatingraf — o brasileiro Sidney Fernandes, também vice-presidente da Abigraf e do Sindigraf — que somará as qualificações e informará o resultado à Assembléia Geral. O vencedor receberá um troféu concedido pelo Brasil e terá sua obra promovida em todos os meios de divulgação da entidade e das Federações e Câmaras dos países-membros.

A premiação acontecerá durante o XI Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, que se realizará entre 3 e 6 de setembro deste ano, em São Carlos de Bariloche, Argentina.

Janeiro: cresce a produção

A ANFPC está divulgando os dados da Conjuntura Setorial referentes a janeiro deste ano. Embora estes primeiros resultados ainda não possam ser considerados concludentes em termos de tendências para o setor, alguns pontos merecem maior destaque.

Houve uma relativa estabilidade na produção de celulose, se comparados os números de janeiro de 1986 e janeiro de 1987: 295.724 toneladas e

295.676 toneladas, respectivamente. Por outro lado, a produção de papel, no período analisado, teve um crescimento de 7,8%: 358.361 toneladas em janeiro de 86, contra 386.480 toneladas em janeiro deste ano. Esses dados permitem intuir que deva estar ocorrendo uma forte demanda no setor de aparas.

Quanto às exportações, o desempenho geral do papel apresentou uma queda de 21,1%, mais significativa nos segmentos de embalagem e escrever. As vendas externas de celulose apresentaram crescimento de 18,1%.

The Elof Hansson Group engages in international trade all over the world. The organization consists of 20 subsidiaries as well as representatives in more than 100 countries.

Elof Hansson do Brasil is the Group's Latin America Center for trade in pulp, paper and represents a great number of foreign suppliers of machineries for the pulp and paper industry.



Para marketing e manutenção de equipamentos no setor de **PAPEL E CELULOSE**, procuramos um:

ENGENHEIRO

- * Formação superior de engenharia.
- * Mais de 3 anos de experiência no setor de papel e celulose.
- * Interesse e Experiência na área comercial.
- * Inglês fluente.
- * Disponibilidade para viagens no Brasil e exterior.

Os interessados deverão enviar C.V. e pretensões salariais, aos cuidados da Elof Hansson do Brasil, Caixa Postal 1010 - 01051 - São Paulo - SP - Brasil.

Na Ripasa, "linha de montagem" de mudas.



São 40 mil mudas de eucalipto por dia...

ARipasa está trabalhando com dois novos sistemas de formação de mudas de eucaliptos. E vem obtendo resultados tão significativos em termos numéricos, que já se pode falar numa quase "linha de montagem".

Atualmente a empresa está capacitada a produzir 40 mil mudas de eucaliptos por dia, algo em torno de 12 milhões a cada ano. As exigências do setor fabricante de celulose e papel são cada vez mais crescentes e apenas um trabalho cientificamente planejado pode fazer frente à demanda.

A alta produtividade alcançada pela Ripasa decorre do trabalho da equipe técnica de sua Diretoria de Recursos Naturais. Instalados na Fazenda Fortaleza — cerca de 280 quilômetros de São Paulo e a 150 da fábrica de celulose em Limeira — o Viveiro e a Casa de Vegetação ocupam 5 hectares de um total de 5.650 que compõem a propriedade.

Ali é fabricado o composto orgânico com cascas de eucalipto e sulfato amônio que, depois de umedecido, formará o substrato ideal para receber as sementes.

A primeira inovação são os



... algo em torno de 12 milhões a cada ano.

canteiros suspensos, onde são colocados os tubetes semeados. "Uma inovação em formação de mudas" — explica Rubens Antônio Trevisan, responsável pelo Departamento de Implantação e Manejo da Ripasa — "pois o sistema é vantajoso para todos".

Com os tubetes, chegou-se à total substituição do processo de semeadura em saquinhos plásticos. Além de diminuir sensivelmente as perdas, o sistema permite o trabalho com mesas teladas, com as pessoas trabalhando em pé e não agachadas como ocorria antes.

O outro sistema adotado pe-

la área florestal da empresa é obtido na Casa de Vegetação com capacidade para a produção de dois milhões de mudas por ano.

Trata-se do sistema de enraizamento de estacas de árvores previamente escolhidas por suas excelentes características produtivas. São as chamadas "misses", selecionadas entre milhares de árvores da floresta pelos seus altos teores de celulose e holocelulose.

"Após um período de 50

dias" — explica Rubens — "a muda passa à casa de aclimação e para os canteiros de rustificação, visando obter sua perfeita adaptação ao meio ambiente para onde serão transportadas".

Com estes processos e impulsionada pelas exigências do mercado, a Ripasa está estimulando o desenvolvimento e a pesquisa, no sentido de agilizar e melhorar a produtividade no processo de formação de mudas de eucaliptos.

Qualidade: um programa de controle

Em novembro último, Jefferson Domingues apresentou o trabalho "Considerações para a Implantação de um Programa de CCQ", no 1º Congresso Brasileiro de Controle e Qualidade. Mais do que uma participação, Jefferson, gerente de Produção e presidente do Conselho Geral dos Círculos de Controle de Qualidade da Limeira, mostrava os resultados de um processo que começou a ser implantado no início de 1986 na Limeira.

Historicamente, os Círculos de Controle de Qualidade estão envolvidos nas mudanças de estilos administrativos ocorridas nos Estados Unidos, Europa e Japão. Além de Jefferson, Walter Derani (diretor de Mercado Interno e presidente do Conselho de Administração), Jerônimo Ruis (diretor de Recursos Humanos), Marco Stella (diretor Industrial), José Carlos Francez e Mauro Neto (gerentes) e Luiz de Abreu (assessor de Planejamento e Desenvolvimento de RH), participaram da implantação.

O projeto obedeceu às seguintes fases: treinamento de toda a Supervisão da Limeira, elaboração do regimento do

CCQ, criação do Conselho Geral da unidade, realização de palestras para todos os empregados da fábrica e treinamento dos voluntários que se apresentaram para participar dos Círculos.

Atualmente a Limeira conta com nove grupos de trabalho onde estão envolvidas diretamente 58 pessoas. As áreas que contam com CCQs são: produção (2 grupos), acabamento (2 grupos), transporte interno (1 grupo), manutenção (2 grupos), laboratório central (1 grupo) e comunicação — na verdade um subgrupo formado por integrantes dos demais grupos, que deverá fazer a divulgação interna das atividades desenvolvidas pelos circuitistas.

Reunindo-se duas vezes por mês os grupos já desenvolveram inúmeros projetos e experimentaram alguns resultados positivos. Entre eles, Jefferson cita o trabalho desenvolvido pelo pessoal do laboratório central que elaborou um impresso único para o controle de matéria-prima e dos aditivos utilizados. Anteriormente existiam vários boletins para as inúmeras tarefas realizadas.

A experiência iniciada pela Limeira deverá ser estendida a todas as unidades do Conglomerado Ripasa.

Os números da Papel Simão

A Indústria de Papel Simão espera não enfrentar obstáculos na colocação de sua produção este ano. Sua projeção indica que as vendas quantitativas serão equivalentes às do ano passado, com participação de cerca de 75% para o mercado interno e 25% para o mercado externo. Em 1986, a Simão vendeu 188.919 toneladas no mercado interno, enquanto exportou 73.659 toneladas — um total de 262.656 t, resultado 10,04% superior a 86.

O diretor comercial da empresa, Raul Calfat, explica que a Simão “coloca sua produção pelo sistema de cotas, tendo participação consolidada em

diversos segmentos”. Ele cita, entre outros, os de formulário contínuo (absorvendo perto de 18% da produção), industrial (16%), editorial (12%) e caderno (11%).

A demanda interna de papel — que crescera 18% em 1985 — elevou-se 15% no ano passado, com destaque, ainda segundo Calfat, “para os setores educacional (livros e cadernos) e gráfico, esperando-se que a demanda para 1987 seja ligeiramente superior ao PIB”.

Calfat informa também que as exportações da Simão, em 1986, atingiram a casa dos US\$ 39 milhões contra os US\$ 47 milhões registrados no ano anterior. “O preço externo entre-

tanto — assegurou Calfat —, apresentou, durante o ano, uma evolução gradual de cerca de 30% em relação a 1985. Atualmente, os mercados externos apresentam-se receptivos à expansão de volumes, desde que disponíveis”.

A empresa, de acordo com Calfat, estima continuar neste ano a elevar sua participação no mercado de papéis especiais, com destaque para o Extra Copy, cuja produção deverá atingir cerca de 12.000 toneladas, com acréscimo superior a 50%, em relação ao ano passado. “Deve-se ressaltar — explica Raul Calfat — que esta elevação de produção ocorre sem a necessidade de investimentos, visto que a capacidade de produção permite atingir nível su-

perior a 20.000 toneladas anuais, a qual vem sendo complementada com papéis revestidos menos nobres”.

Quanto à celulose, a Simão anuncia que a partir de abril terá início uma expansão de produção em torno de 1.200 toneladas mensais, o que adicionado às inovações tecnológicas introduzidas pelo Grupo na produção de papel (permitindo maior eficiência no aproveitamento do material fibroso), deverá trazer uma redução de sua dependência de celulose de terceiros para cerca de 10% (eram 22% em 1986) a partir do segundo semestre deste ano — “possibilitando à empresa uma operação mais próxima do nível de autosuficiência” — concluiu Raul Calfat.

Tenha o futuro nas mãos

O profissional que tem uma 038 SUPER nas mãos tem várias vantagens: trabalha com uma motosserra leve e versátil, própria para trabalhos profissionais de abate, desgalhamento e traçamento. Tem, também, uma motosserra com ignição eletrônica, garantindo um arranque seguro; freio da corrente Quickstop, que protege o operador de contragolpes; protetor de mãos no cabo e no punho; trava do acelerador e sistema antivibratório, que torna o trabalho mais cômodo e seguro. E tem, principalmente, uma motosserra com alta rotação, leve, oferecendo uma ótima relação peso/potência, aumentando a produtividade sem grandes esforços. STIHL 038 Super, esta é a motosserra do futuro. Tenha uma nas mãos.

038 SUPER
A profissional do futuro.

STIHL®

ANDREAS STIHL MOTO-BERRAS LTDA.

Nº1 no mundo.

Av. São Borja, 3000 - 93.030
São Leopoldo - RS

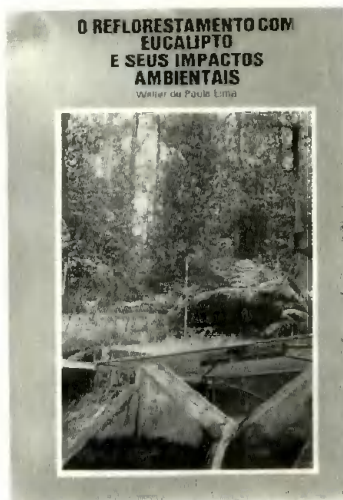


LIVRO DEFENDE O EUCALIPTO

As Associações Nacional e Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e o Sindicato das Indústrias do Papel, Celulose e Pasta para Papel no Estado de São Paulo estão promovendo o lançamento do livro *O Reflorestamento com Eucalipto e seus Impactos Ambientais*, de autoria do professor Walter de Paula Lima.

A obra, apesar de sua abordagem científica e dos criteriosos levantamentos e análise, é elaborada com linguagem, embora técnica, acessível igualmente a todos. Segundo o autor, o trabalho não pretende esgotar o assunto, mas promover o levantamento das informações disponíveis na literatura mundial, relacionadas com os possíveis efeitos ambientais das plantações de eucalipto, principalmente no que se refere aos recursos hídricos, às propriedades do solo, à produtividade do sítio, à erosão, à fauna e aos efeitos alelopáticos.

Walter de Paula Lima é professor-adjunto do Departamento de Ciências Florestais — Setor de Hidrologia Florestal — da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo. Engenheiro agrônomo, doutor em Agronomia e livre-docente pela Esale, é também *Master of Science* pela Ohio State University e tem pós-doutoramento pela *Csero — Commonwealth Scientific & Industrial Research Organization* (Camberra-Austrália). O professor Lima foi ainda consultor da FAO para a elaboração do documento *The Ecological Effects of Eucalyptus* e coordenador regional para a América Latina do Grupo de Estudos S1.03.00 — *Environment Influences-Florest Hidrology* da Iufro.



Linguagem técnica, mas muito acessível

Neste trabalho o autor promove a análise dos resultados levantados na literatura, quando possível comparativamente com resultados semelhantes obtidos com outras espécies florestais, a fim de permitir o confronto necessário para o julgamento. Pela mesma razão, os resultados obtidos na Austrália, ambiente natural do eucalipto, foram também incluídos, tanto em condições de floresta natural quanto em condições de plantações.

Por sua amplitude, *O Reflorestamento com Eucalipto e seus Impactos Ambientais* é de especial interesse para o profissional florestal, para aqueles que trabalham com recursos hídricos, para aqueles que tomam decisões políticas, para o pesquisador e para o público em geral, a fim de que possa começar a entender algumas das especulações que existem sobre o eucalipto.

O Reflorestamento com Eucalipto e seus Impactos Ambientais, com tiragem de 3 mil exemplares, terá preço de Cz\$ 300,00 e pode ser adquirido junto à Biblioteca da ANFPC.

SEGURANÇA COM ABORDAGEM SOCIAL

“Somos leitores das vossas publicações, que merecem os parabéns não só pela apresentação gráfica, como pelos artigos e comentários que fazem. Mesmo que não estejamos ligados diretamente aos setores, salvo como fornecedores em pequena escala, isso, entretanto, não nos tira a curiosidade de saber o que se passa nos mesmos.

Ainda que não tenham a Seção Cartas, que sugerimos seja iniciada — o que permitirá aos seus leitores sugerir, comentar e até criticar — queremos congratular-nos com a exposição feita pelo sr. Simão Horácio Bottesi, na seção “Opinião”, sob o título “Segurança do Trabalho Deve Ter Abordagem Social”, com a qual estamos plenamente de acordo, já que nós, empresários de todos os setores industriais e comerciais, devemos ter em mente que além de procurarmos o aumento de produtividade — mediante melhores condições de trabalho e/ou técnicas — devemos ter como meta um maior respeito ao homem, independente de função, cargo etc., etc., ou menores custos referentes a acidentes.

Lamentavelmente, não vemos nenhuma entidade patronal nem tampouco dos próprios trabalhadores, salvo raríssimas exceções, incentivarem ou propagarem entre seus associados um trabalho ou campanha no sentido da preservação de meio ambiente, onde a limpeza é um fator preponderante (já levado em conta pela Suzano e mais duas ou três empresas do setor), para que haja maior segurança e bem-estar entre os trabalhadores o que é muito importante para sua integridade física.

Portanto, acreditamos que um início por parte da própria ANFPC junto aos seus associados, estes entre si e junto às outras entidades, poderá trazer uma maior conscientização e responsabilidade já que cada um de nós tem a responsabilidade do respeito pelo próximo em todos os sentidos, independente de dirigentes e trabalhadores, já que o bem-estar destes traz o bem-estar de todos nós.

Kabi Ind. Com. S.A.
Walter Gratz
Rio de Janeiro - RJ.

“Pela presente manifestamos nossos agradecimentos à revista *Celulose & Papel* pela publicação da matéria sobre o evento Madexpo-87 — I Feira de Tecnologia da Madeira e Produtos Derivados, na edição nº 7.”

U.P. Promoções e Empreendimentos Ltda.
Márcia de Oliveira Rosa - Relações Públicas
São Paulo - SP

“Lemos com muita satisfação o excelente exemplar nº 8, janeiro/fevereiro de 1987, da revista *Celulose & Papel*, que será incorporado aos arquivos técnicos desta instituição. Agradecemos.”

Antônio Mendes Canale
Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste
Brasília - DF

Gratos pelos elogios. As páginas de Celulose & Papel estão e sempre estiveram abertas às manifestações de seus leitores.

PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO: O PAPEL.

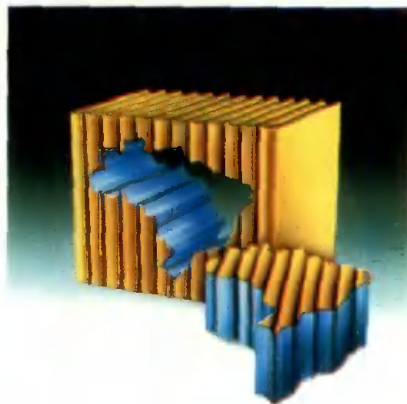
A Cia. Suzano sempre se destacou pelo seu pioneirismo na área industrial. Seja como a primeira empresa no mundo a fabricar papel 100% celulose de eucalipto, seja desenvolvendo a biotecnologia aplicada à atividade agroflorestral, ou trazendo para o Brasil as mais avançadas máquinas da indústria papelreira internacional.

Desta vez a Cia. Suzano inovou também na área do marketing. Inaugurou um sistema de distribuição descentralizada, montou um eficiente serviço de orientação e assistência ao consumidor e colocou no ar, pela primeira vez no Brasil, uma completa campanha de publicidade.

Nunca uma companhia fabricante de papel havia ido até a televisão para falar da importância do papel na vida de um escritório e, principalmente, da importância dos pequenos personagens que fazem o sucesso dos grandes. A Cia. Suzano levou o seu papel Report para a televisão. E o reconhecimento do público foi traduzido em números que mostram como o Brasil estava pronto para receber sua mensagem.



Cia. Suzano de Papel e Celulose
Empresa Nacional de Capital Aberto.



QUAL O FUTURO DO LIVRO NO BRASIL?

Uma campanha, cujo slogan é a famosa frase "Leia! Um país se faz com homens e livros" foi desencadeada visando aumentar o consumo de livros no Brasil.



Os organizadores da campanha estiveram com o presidente Sarney

Leia! Um país se faz com homens e livros." Com este slogan, o setor celulósico-papeleiro — juntamente com a Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros e Associação Nacional das Livrarias — detonou em janeiro último uma campanha promocional com o objetivo básico de aumentar o consumo de livros no Brasil, dos atuais três exemplares *per capita*, para cinco exemplares *per capita*, até 1991.

O plano prevê a elevação, nos próximos cinco anos, da produção e consumo de livros no País, à média anual de 15%, passando do total de 358,8 milhões de exemplares registrados em 1986, para 721,7 milhões em 1991. Os investimentos da inicia-

tiva privada no programa alcançarão US\$ 753 milhões, devendo ser aplicados da seguinte forma: US\$ 270 milhões pelo setor papeleiro, US\$ 302 milhões na ampliação do parque gráfico e US\$ 181 milhões pelas editoras e livrarias.

Até 30 de março, um comercial de 15 segundos foi exibido em horário nobre, em rede nacional, mostrando o logotipo da campanha e fixando a mensagem do slogan, frase de autoria de Monteiro Lobato. Paralelamente, editoras, livrarias, pontos de venda, escolas e bibliotecas foram abastecidos com grande quantidade de material promocional referente à campanha: cerca de 100 mil cartazes, meio milhão de adesivos, 100 mil sacolas e um mi-

lhão de marcadores de livros impressos com o logotipo e a frase-tema da promoção.

As iniciativas publicitárias constituem apenas a primeira fase de um programa mais amplo de providências para se alcançar os objetivos fixados. De acordo com as metas de investimento estabelecidas, caberia ao Governo aplicações de apenas US\$ 150 milhões — US\$ 30 milhões por ano — na aquisição de obras para bibliotecas universitárias, escolares e públicas, garantindo desta maneira o acesso de maiores contingentes da população, com menor poder aquisitivo, aos livros, incentivando significativamente no povo brasileiro o hábito da leitura.

Essa conjugação de esforços entre as iniciativas privada e governamental é indispensável, pois, segundo Osmar Zogbi, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, “não se pode obter o crescimento econômico, alijando o desenvolvimento cultural e isso precisa ser alcançado tanto quantitativa quanto qualitativamente, paralelamente à melhoria das condições de ensino. É indispensável facilitar o acesso da população à leitura, por intermédio do instrumento do livro. Um mercado editorial consistente e dinâmico, com perspectivas de crescimento real, promoverá, com maior eficácia, o desenvolvimento cultural”.

O programa de ação da campanha “Leia! Um país se faz com homens e livros” foi apresentado em 29 de janeiro, ao presidente José Sarney, em Brasília. Da audiência participaram os empresários Alfredo

INVESTIMENTOS NECESSÁRIOS A DIFERENTES NÍVEIS DE CRESCIMENTO

CRESCIMENTO	7%	10%	15%
Exemplares (milhões)	144,5	219,1	362,9
PAPEL			
Consumo	28.800 t/a	43.800 t/a	72.580 t/a
Investimento US\$ milhões	107	163	270
GRÁFICA			
Investimento US\$ milhões	120	182,50	302
EDITORA			
Investimento US\$ milhões	72	110	181
TOTAL	299	455	753

do Weiszflog (presidente da Câmara Brasileira do Livro), Osmar Zogbi (presidente da APFPC), Horácio Cherkassky (presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose), José Antônio Homem de Montes (Associação Nacional das Livrarias) e Sérgio Lacerda (Sindicato Nacional dos Editores de Livros).

Na ocasião, Alfredo Weiszflog ressaltou ao presidente Sarney que “é hábito, em países desenvolvidos como França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, os governos destinarem verba significativa às bibliotecas para aquisição de livros. As aqui-

sições para composição dos acervos de bibliotecas públicas e universitárias variam, de país para país, em percentagens entre 10 e 30% a cada edição, o que explica as elevadas tiragens, inclusive de obras técnicas”.

O incremento anual de 15% sobre a produção livreira nacional previsto pela campanha possibilitará, entre outras coisas, a geração de 26 mil empregos diretos nos setores gráficos, editorial/livreiro e papelário. “Além disso, teremos um significativo aumento das tiragens, implicando a con-

GRÁFICO 1
PRODUÇÃO EDITORIAL BRASILEIRA



FONTE: Câmara Brasileira do Livro
*Estimativa

QUADRO II

ESTIMATIVAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO EDITORIAL INDEPENDENTE DO CRESCIMENTO DO PIB

PRODUÇÃO EDITORIAL				PIB
ANOS	Crescimento anual a partir de 1987 (em milhões de exemplares)			(Real de 73 a 83; projetado de 84 a 91) Bilhões
	7%	10%	15%	
73	166.20	166.20	166.20	277.20
74	191.70	191.70	191.70	304.10
75	155.40	155.40	155.40	320.60
76	176.20	176.20	176.20	351.80
77	211.20	211.20	211.20	372.00
78	232.50	232.50	232.50	390.60
79	249.00	249.00	249.00	415.60
80	242.90	242.90	242.90	445.50
81	219.00	219.00	219.00	438.60
82	245.40	245.40	245.40	442.60
83	252.00	252.00	252.00	423.60
84	260.00	260.00	260.00	434.10
85	299.00	299.00	299.00	501.30
86	353.80	353.80	353.80	519.50
87	393.90	394.70	412.60	535.80
88	410.80	434.20	474.50	553.00
89	439.60	477.60	545.70	530.30
90	470.40	525.40	627.60	587.60
91	593.30	577.90	721.70	609.70

Um esforço para que a produção livreira suba dos 353,8 milhões de exemplares em 1986, para 721,7 milhões em 1991.

seqüente redução do custo unitário e no estabelecimento de melhores condições de compra”, destacou Weiszflog.

Celulose e Papel: um setor participante

A campanha, que visa estimular o hábito de leitura entre os brasileiros, resulta de um acordo assinado entre os fabricantes de papel e os editores. Os dois setores se comprometeram a destinar para tal fim, 1% — metade a cargo de cada setor — do valor da venda de todo o papel adquirido para a produção de livros. Os recursos acumulados a cada ano são destinados exclusivamente à promoção do livro e do hábito da leitura.

O tema da campanha este ano, foi desenvolvido pela Editora Nova Cultural e veiculado pela Salles/Interamericana de Publicidade. O comercial veiculado nacionalmente em horário nobre pela Rede Globo até 30 de março, foi a principal peça do programa.

Osmar Zogbi, porém, destaca a importância da participação de ponta do setor celulósico-papeleiro nesta e em outras ini-

ciativas. Ele ressalta que a inclusão da indústria de celulose e papel entre as prioridades do plano governamental de expansão econômica já identifica o reconhecimento da importância setorial que a mesma tem para o desenvolvimento do País. Explicando que o mercado de papel se constitui num dos mais expressivos medidores da situação econômica, acrescentou: “Livros, cadernos, embalagens, formulários contínuos e milhares de outros produtos representam o substrato indispensável ao crescimento social e econômico. Por isso, estudamos convênios semelhantes a serem desenvolvidos com os fabricantes de cadernos e embalagens. Cada vez mais queremos ter uma participação mais ativa para melhorar as condições sociais e culturais do País”.

Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro a produção editorial brasileira foi de 353,8 milhões de exemplares, no ano de 1986, representando percentualmente um acréscimo de aproximadamente 20%, em relação ao volume produzido no ano anterior. Com todos os esforços desenvolvidos nesta campanha, pretende-se alcançar 721,7 milhões de exemplares até 1991.



O RANKING MUNDIAL DE CELULOSE E PAPEL

Nesta edição, começamos a reproduzir matérias publicadas pela revista "PPI - Pulp & Paper International". E mostramos o levantamento dos maiores produtores mundiais de papel e celulose. O Brasil é um deles.

A revista *Celulose & Papel*, por acordo com a Miller Freeman Publications, dos Estados Unidos, obteve licença para reproduzir — o que começa a fazer já neste número — matérias publicadas pela "PPI - Pulp & Paper International" a conceituada revista norte-americana dedicada à cobertura e análise das atividades mundiais do setor celulósico-papeleiro.

Editada em São Francisco, Califórnia, a PPI circula mensalmente com distribuição mundial, trazendo os levantamentos mais atualizados do setor, tanto dos pontos de vista técnico e econômico, como promovendo a discussão de aspectos políticos referentes à indústria celulósico-papeleira. Reconhecida internacionalmente por sua qualidade editorial e confiabilidade redatorial, a PPI é leitura obriga-

ENTRE AS 150 MAIORES, CINCO SÃO BRASILEIRAS

Posição	Empresa	1985	1985 - Produção - 1.000 t		
		Vendas US\$ milhões	Celulose	Papel	Artefatos
1.	Georgia-Pacific	6.716,0	532	2.954	1.614
71.	IKPC	499,2	300	675	193
115.	Suzano	227,7	329	365	312
125.	Simão	192,5	—	270	—
136.	Aracruz	145,5	470	—	—
144.	Cenibra	123,3	329	—	—

tória para empresários e executivos do setor.

Já como resultado daquele acordo, incluímos, neste número dois quadros publicados pela "PPI", de especial interesse para o mercado brasileiro. Um deles, destacando os 20 países maiores produtores

de papel e celulose, atesta a força de nossa indústria no contexto mundial do setor. O outro, resumo das 150 maiores empresas do setor mundial de papel, mostra o nível de colocação das indústrias brasileiras em relação às suas congêneres estrangeiras.

20 MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE PAPEL E CELULOSE

(1.000 t)

Produção de papel e papelão		Variação % 85/84	Produção de celulose		Variação % 85/84
1. Estados Unidos	61.121	-1,8%	1. Estados Unidos	49.144	-2,3%
2. Japão	20.469	+5,8%	2. Canadá	20.419	+0,4%
3. Canadá	14.448	+1,2%	3. Japão	9.279	+1,7%
4. URSS	9.950	+3,4%	4. Suécia	9.123	-1,8%
5. Alemanha Ocidental	9.178	+0,4%	5. URSS	8.320	+1,9%
6. China	9.112	+20,5%	6. Finlândia	7.976	-0,7%
7. Finlândia	7.444	+1,7%	7. China	6.365	+18,9%
8. Suécia	7.003	+2,0%	8. Brasil	3.722	-5,9%
9. França	5.343	-4,0%	9. Alemanha Ocidental	2.107	-0,9%
10. Itália	4.587	-2,7%	10. Noruega	1.978	+6,1%
11. Brasil	4.054	+7,1%	11. França	1.946	-5,2%
12. Reino Unido	3.766	+3,6%	12. Espanha	1.439	+0,3%
13. Espanha	2.913	-1,3%	13. Portugal	1.388	+20,2%
14. México	2.448	+9,3%	14. Áustria	1.321	+7,5%
15. Coreia do Sul	2.311	+4,7%	15. Nova Zelândia	1.145	+7,8%
16. Taiwan	2.018	+4,6%	16. Tchecoslováquia	1.116	+6,1%
17. Áustria	1.922	+7,4%	17. Índia	1.050	s/inf.
18. Holanda	1.904	+1,0%	18. África do Sul	1.030	+3,0%
19. Noruega	1.624	+4,0%	19. Austrália	887	+6,6%
20. Austrália	1.543	-0,8%	20. Polônia	878	-1,1%

MONTE DOURADO: O PROGRESSO NA AMAZÔNIA

Um empreendimento ousado. Controlado por 23 grandes empresários nacionais, ele é hoje um dos maiores complexos industriais do País.

Um dos mais importantes complexos produtores de celulose no mundo está instalado em plena Amazônia brasileira. É a Companhia Florestal Monte Dourado, principal empresa operacional da Companhia do Jari.

Controlada pela Companhia do Jari, formada pela associação de 23 grandes empresários nacionais, a Cia. Florestal Monte Dourado foi criada em 18 de fevereiro de 1982, pela transformação da Jari Florestal e Agropecuária Ltda., para o desenvolvimento de empreendimentos florestais, beneficiamento e industrialização de madeira, produção de celulose, comercialização e exportação de seus produtos.

O Governo Federal presta importante apoio ao empreendimento através, principalmente, da participação acionária do Banco do Brasil e do BNDES na Monte Dourado.

A Companhia Florestal Monte Dourado dedica-se a atividades essencialmente florestais e industriais, controlando ainda a Navegação Sion Ltda., que opera em benefício das empresas da Companhia do Jari e de outras da região.

As principais atividades da Monte Dourado na área florestal concentram-se em seu viveiro, no qual são produzidas anualmente mais de 40 milhões de mudas, e nas florestas homogêneas — com aproximadamente 100 mil hectares reflorestados com *Gmelina*, *Eucalyptus* e *Pinus*. As duas primeiras espécies destinam-se à produção de celulose de fibra curta, enquanto o *Pinus* produz celulose de fibra longa.

São mais de 40 milhões de mudas anuais e 100 mil hectares reflorestados para produção de celulose.



A fábrica, localizada no rio Jari, produz

De engenheiros florestais a trabalhadores rurais, mais de cinco mil pessoas trabalham na área florestal da Monte Dourado — uma equipe que inclui biólogos, entomólogos, geneticistas e especialistas que se dedicam ao preparo de mudas e do solo, corte e manejo florestal, transporte e pesquisa.

As médias anuais alcançadas pelas atividades florestais da Monte Dourado são das mais expressivas e atestam o alto grau de desenvolvimento deste projeto: plantio e regeneração de cerca de 16.000 hectares de florestas; limpeza de 100.000 hectares e corte de outros 9.000 hectares de florestas cultivadas e de 1.000 hectares de florestas nativas. Feito o corte, a madeira



anualmente 230.000 toneladas de celulose

é transportada em caminhões até três terminais de carregamento e, daí, em comboios ferroviários — com capacidade de transporte de 1.000 toneladas a cada viagem — ela chega à fábrica.

A materialização industrial de todo esse processo acontece na Facel, a moderna fábrica de celulose da Monte Dourado. Com elevado grau de automatização, o complexo industrial produz três tipos de celulose branqueada, comercializados com as marcas “Jaripulp” (fibra curta), “Jaripine” (fibra longa) e “Jarilyptus” (fibra curta).

Os produtos da Monte Dourado, isentos de impurezas e de grande alvura, são utilizados preferencialmente na fabrica-

A fábrica produz soda cáustica, hipoclorito, clorato de sódio e outros produtos utilizados na produção de celulose.

ção de papéis destinados aos usos mais nobres, como livros, cadernos, papéis para impressão, papéis copiativos e decorativos, cartolinas, fraldas descartáveis e papéis de uso doméstico como higiênicos, lenços, toalhas e guardanapos.

Esta fábrica foi encomendada por Daniel K. Ludwig, criador do Projeto Jari.

Localizada no Rio Jari, a 450 quilômetros de Belém, integrada ao porto, produz anualmente 230.000 toneladas de celulose, atendendo aos mercados interno (30% da produção) e externo (70% da produção).

A própria história da instalação do conjunto industrial demonstra o caráter inovador dos empreendimentos de Daniel K. Ludwig no Vale do Jari. A fábrica foi construída no Japão e veio rebocada ao Brasil, numa viagem que durou mais de 90 dias, atravessando os oceanos Pacífico, Índico e Atlântico. Chegada ao Brasil, a fábrica foi definitivamente assentada em duas plataformas, medindo 230 metros de comprimento por 45 metros de



O complexo portuário movimenta mais de 500 mil toneladas anuais

S etenta por cento da produção são destinados ao atendimento do mercado externo.

largura, pesando 30.000 toneladas cada uma. O conjunto industrial compreende ainda a usina termelétrica.

O programa de expansão dessas instalações prevê um aumento gradual da produção para 280.000 toneladas, até 1991. A produção de celulose compreende as operações de cozimento de cavacos (em oito digestores com capacidade de 207 metros cúbicos cada um), lavagem, depuração, branqueamento, secagem e embalagem.

A usina termelétrica é constituída por três caldeiras para geração de 480 toneladas/hora de vapor, um turbogerador com potência de 55 MW e instalações para recuperação de produtos químicos utilizados no cozimento.

A fábrica conta ainda com uma planta química que produz soda cáustica, cloro, hipoclorito, clorato de sódio, dióxido de cloro e ácido sulfúrico, utilizados na produção da celulose branqueada.

O porto de embarque de celulose, com um depósito para armazenagem de 22.500 toneladas, tem 200 metros de cais e está capacitado a receber navios de até 30.000

toneladas de carga líquida. Todo o escoamento da produção da Companhia do Jari é assegurado por este complexo portuário, com um movimento superior a 500.000 toneladas anuais.

Contando ainda com um promissor potencial energético, caracterizado pelo aproveitamento da Cachoeira de Santo Antônio, a Companhia do Jari tem tudo para configurar-se como o núcleo de um pólo de desenvolvimento regional.

Ainda do ponto de vista puramente industrial, mais uma das empresas da Companhia do Jari, a Cadam — Caulim da Amazônia S.A., tem especial interesse para o setor celulósico-papeleiro. Subsidiária da holding, a Cadam é uma empresa de mineração que extrai, beneficia e comercializa o caulim da mina existente no Amapá, na margem esquerda do rio Jari.

A partir do caulim, a Cadam produz um pigmento branco e fino denominado "Amazon 88", de grande importância principalmente para os fabricantes de papéis revestidos. As excelentes especificações do produto recomendam-no prefe-

encialmente para o fabrico de papéis tipo couchê, que exigem maior brilho e alvura. O "Amazon 88" é exportado para a Europa Ocidental, Escandinávia, América Latina e Japão.

Retirado da mina a céu aberto, o caulim é transportado através de um "argiloduto", evitando-se, assim, a poluição do meio ambiente e a contaminação do produto. Com reservas da ordem de 250 milhões de toneladas, a Cadam produz anualmente 240.000 toneladas, capacidade que está atualmente sendo ampliada para 360.000 toneladas/ano.

A Cadam construiu e opera um moderno porto, situado em frente à usina de beneficiamento, capacitado a receber navios de grande porte e dotado de um sistema de correias transportadoras que permitem rápido carregamento.

A preocupação com o aspecto social

A Companhia do Jari dá emprego a mais de 9.000 pessoas, sendo que o pólo de desenvolvimento do Jari tem população superior a 40.000 pessoas e é composta pelos habitantes das vilas e silvi-vilas especialmente construídas e dos lugarejos que se foram desenvolvendo pela influência dos empregos oferecidos pelas empresas da Companhia do Jari e empresas empreiteiras.

Em Monte Dourado, a principal localidade do Jari, vivem cerca de 10.000 pessoas, 800 em Munguba e mais de 3.000 nas silvi-vilas de Planalto e São Miguel. A expansão da Companhia do Jari propiciou o surgimento e crescimento espontâneos das localidades-satélites de Beiradão e Beiradinho, que juntas têm população superior a 16.000 pessoas.

Desde o início de suas atividades, a empresa foi totalmente responsável pelas questões da infra-estrutura, inclusive as de urbanização das áreas residenciais, mas, a partir de 1982, iniciou-se um processo de transferência dos serviços ligados à habitação, alimentação, saneamento, saúde, educação, segurança, comunicação, comércio, recreação e lazer — para a administração pública e para uma nascente iniciativa privada, sendo, porém, ainda bastante pesados os encargos da companhia.

Entre outros serviços, a Companhia do Jari responsabiliza-se ainda por cerca de 8.000 refeições diárias no campo e 6.000 em seus restaurantes; mantém 3.000 cabeças de gado bovino e 10.000 búfalos (o maior rebanho individual do País), além de aves e suínos. A Fundação Sesp, tem um hospital com 60 leitos e dois centros de saúde. A Fundação Educacional do Jari tem quatro escolas e ministra ensino de 1º e 2º graus a 3.500 alunos. A comunidade



Daqui, o cavaco é levado para cozimento em oito digestores de 207 m³ cada um

dispõe de transporte local coletivo e liga-se ao resto do País por via fluvial e via aérea. Monte Dourado é, hoje, distrito do município de Almeirim (PA).

Assim, a Companhia Florestal Monte Dourado, com sua fábrica de celulose —

uma das mais modernas do mundo — e todas as atividades paralelas que desenvolveu ou estimulou a que se desenvolvem, cria um dos mais importantes e inovadores empreendimentos mundiais no setor celulósico-papeleiro.



A celulose de fibra curta é comercializada com a marca "Jaripulp"



A KLABIN SEMPRE VAI TER UM PAPEL IMPORTANTE NA SUA VIDA.

A Klabin faz papéis importantes tanto pela sua resistência quanto pela sua delicadeza. Você nem imagina, mas a toda hora alguém entra em contato com os mais variados produtos feitos pela Klabin. Quer ver só? Por exemplo, boa parte do cimento para construção é embalado em sacos multifoliados feitos pela Klabin. É ela quem fabrica também o papel do jornal que traz o mundo até você. Diariamente milhares de pessoas vão aos supermercados e levam para casa as compras em sacos e papel Klabin. Agora dê um pulinho até a cozinha: você vai ver que as frituras ficam muito mais sequinhas com a ajuda das toalhas de papel Klabin. Frutas, ovos e mudas das mais delicadas plantas sajam para o exterior em 1ª classe nas caixas de papelão ondulado Klabin. Tudo isso só é possível porque qualidade e experiência são as principais matérias-primas da Klabin. Uma empresa que há mais de 50 anos faz papéis muito importantes para o país.



Indústrias Klabin
Papel e Celulose

UMA VISÃO GLOBAL DO SETOR EM 1986

Todos os números do setor - faturamento, impostos pagos, salários e mão-de-obra, produção e oferta - num levantamento completo realizado pelo GT-6 - Planejamento, Normas e Estatísticas, da ANFPC.



A equipe do GT-6 (da esquerda para direita): Cláudio Manoel, Marcello L. Pilar (coordenador), Pedro Vilas Boas, João Francisco Galindo Jr. e Natal Stefani

Duzentos e vinte boletins são compilados mensalmente, permitindo a apreciação de dados fornecidos pelas empresas.

Renovando as informações que distribui todos os anos a esta época, a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, através do GT-6 - Planejamento, Normas e Estatísticas, apresenta uma antecipação sobre os números do setor ocorrido em 1986. Esta primeira visão global do que fez a indústria de celulose e papel no Brasil é a consolidação dos doze meses do ano encerrado, conforme recolhido pela "Conjuntura Setorial" mensal.

A realização da "Conjuntura Setorial" mensal originou-se da necessidade sentida pelo GT-6, já em 1975, de possuir indicadores mais dinâmicos que lhe possibilitasse oferecer informações em prazos mais curtos que o "Relatório Estatístico" anual, sobre o comportamento do setor. Vencidas as resistências à nova idéia, foi possível em 1976 iniciar-se a distribuição mensal com dados ocorridos no setor. Passava a indústria a contar com um barômetro mais regular para as suas pulsações que gradualmente levou ao hábito, entre os administradores, de comparar os parâmetros do setor com os da sua em-

presa, no tocante à mão-de-obra empregada, salários e impostos pagos, produção e vendas por grupos de produtos e mercados destinados.

Com o computador, mais dados em menos tempo

Embora com uma representatividade estatística adequada, participavam da coleta de informações mensais para a "Conjuntura Setorial" cerca de cinquenta empresas apenas, o que cobria entre 30% e 99% (hoje entre 62% e 100%) do universo pesquisado, dependendo do segmento considerado. Todo o trabalho efetuado, desde a distribuição dos boletins de coleta das informações até a distribuição dos dados consolidados e comparados ao desempenho dos meses anteriores, era manual, tomando grande parte do tempo e da dedicação dos funcionários da Associação Nacional, cientes da relevância do trabalho executado, mas sujeitos às pressões dos seus outros encargos e as datas do cronograma a ser respeitado todos os meses.

QUADRO I
FATURAMENTO GERAL DO SETOR EM 1.000 OTN'S (+)

ANO	CELULOSE	PARTICIPAÇÃO %	PAPEL	PARTICIPAÇÃO %	TOTAL	EVOLUÇÃO %
1977	11.170	15,1	62.920	84,9	74.090	14,6
1978	14.749	17,1	71.613	82,9	86.362	16,7
1979	23.115	20,4	90.352	79,6	113.467	31,4
1980	43.631	25,3	128.808	74,7	172.439	52,0
1981	38.528	25,0	115.609	75,0	154.137	(10,6)
1982	38.776	24,0	122.895	76,0	161.671	4,9
1983	47.300	28,7	117.679	71,3	164.979	2,1
1984	59.267	29,6	140.949	70,4	200.216	21,4
1985	47.968	23,1	159.326	76,9	207.294	3,5
1986(*)	76.531	22,1	260.512	77,3	337.043	62,6
(86/77)%	585,1	—	314,0	—	354,9	—

(+) Período 1977 a 1986 em milhões de ORTN's. O valor referente a 1986 foi convertido em OTN fixada em fevereiro de 1986 apresentando portanto número maior que o real.

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial.

Fonte: ANFPC

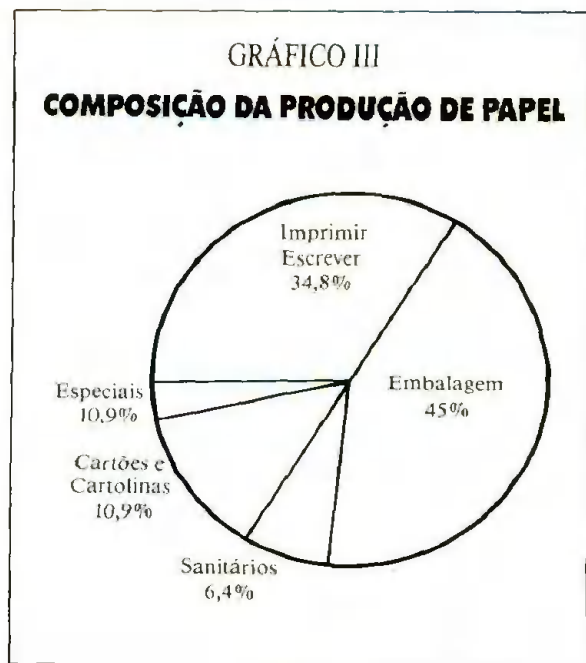
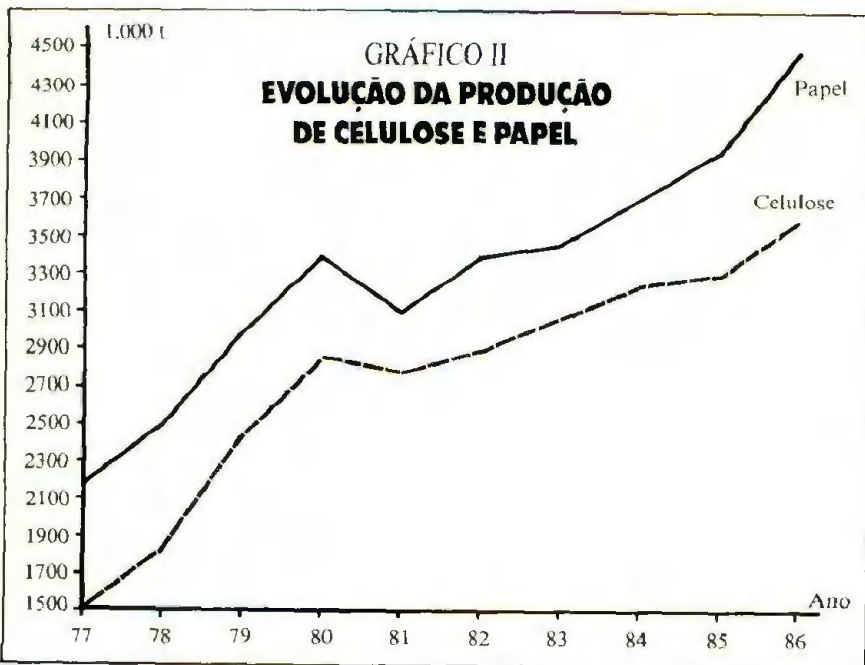
Com a aquisição do computador pela ANFPC e implementação do uso do processamento eletrônico de dados, em paralelo ao trabalho manual, a "Conjuntura Setorial", passou a ser coletada entre todos os fabricantes do setor, ampliando gradativamente a amostragem obtida, ao mesmo tempo que se estendia o detalhe dos dados coletados para a mesma minúcia dos boletins de coleta usados para o "Relatório Estatístico" anual. A possibilidade de se trabalhar com um volume de dados muito mais amplo (hoje compila-se mensalmente cerca de 220 boletins), a par de garantir a melhor qualidade das informações, permitiu pela primeira vez, em fins de fevereiro último, a apreciação glo-

bal dos dados referentes a todo um ano da indústria, cujos indicadores principais estão aqui referidos nos quadros que ilustram esta matéria.

Os dados individualizados por empresa, produto e destino, estão hoje em processo de compilação após a revisão formal, pelos próprios informantes, dos dados totalizados pela ANFPC. Isto permitirá apreciável redução do trabalho interno na elaboração do próximo "Relatório Estatístico", anual, com a mesma amplitude de detalhes das edições anteriores, em um tempo significativamente mais curto.

Faturamento do setor — A indústria de celulose e papel apesar da forte contenção de preços estabelecida pelo Governo con-

seguiu, apoiada numa produção maior e grandemente ajudada pelos preços crescentes no mercado externo para os produtos exportados, um crescimento medido em OTN, de 62,6% sobre 1985, bem acima da média dos últimos dez anos, que foi de 19,8 e recuperando anos de crescimento negativo, como 1981, ou de crescimentos muito inferiores à média, como 82, 83 e mesmo 1985. Se considerarmos, entretanto, que a taxa da OTN utilizada para a conversão foi congelada em fevereiro de 1986, com a expectativa de uma inflação zero, a realidade poderá estar mais próxima dos 50% de crescimento, que de toda forma seria bastante positivo também. (Veja *Quadro I*).



Impostos pagos — Como consequência do crescimento do faturamento, cresceram também os impostos pagos, não, entretanto, na mesma proporção, vez que, sobre os volumes exportados, a incidência é menor (Veja *Quadro II*).

Mão-de-obra — Acompanhando a implantação do cruzado e o aumento do consumo provocado pela maior disponibilidade de moeda, junto a pressão maior por mão-de-obra qualificada, dois fatos generalizados em todos os setores industriais foram também percebidos na indústria de papel: o extraordinário aumento da remuneração *per capita* medido em OTN, que excedeu em mais de 50% os ganhos em valor real pagos pelo setor na média dos últimos nove anos, e em 77,5% a folha total do ano anterior.

Apesar da excepcional melhoria resultante no poder aquisitivo proporcionada aos homens do setor e a tradicional baixa mobilidade da mão-de-obra entre os papelleiros, o setor perdeu cerca de 2% da sua

QUADRO III MÃO-DE-OBRA DIRETA E SALÁRIOS PAGOS

SALÁRIOS EM 1.000 OTN'S (+)

ANO	Nº DE	TOTAL	PER CAPITA (+ +)	EVOLUÇÃO %
1977	60.516	12.989	214,6	19,4
1978	64.000	15.441	241,3	12,4
1979	70.113	19.274	274,9	13,9
1980	76.325	25.407	332,9	21,1
1981	70.856	22.593	318,8	(4,2)
1982	70.382	24.021	341,3	7,1
1983	67.990	20.152	296,4	(13,2)
1984	71.606	19.363	270,3	(8,8)
1985	73.128	22.917	313,4	15,9
1986(*)	71.600	39.823	556,2	77,5
(86/77)%	18,3	206,6	159,2	—

(+) Período 1977 a 1986 em milhões de ORTN'S

(+ +) Salários em OTN'S por homem.

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial

Fonte: ANFPC

QUADRO II IMPOSTOS E TAXAS PAGOS PELO SETOR EM 1.000 OTN'S (+)

ANO	VALOR	EVOLUÇÃO %
1977	14.511	15,9
1978	15.428	6,3
1979	21.317	38,2
1980	30.908	44,9
1981	26.460	(14,4)
1982	29.579	11,8
1983	28.657	(3,1)
1984	30.740	7,3
1985	38.283	24,5
1986(*)	60.913	59,1
(86/77)%	319,8	—

(+) Período 1977 a 1986 em milhões de ORTN'S

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial

Fonte: ANFPC

força de trabalho, retornando aos níveis de emprego de 1984. Embora a produtividade do setor exiba, em consequência desta redução, índices melhores de eficiência, o setor deve arcar com o ônus da perda de mão-de-obra treinada que emigrou para outros setores (Veja *Quadro III*).

Produção e oferta — No tocante ao aumento da oferta dos produtos do setor, os valores de celulose são modestos (*Quadro IV*), como vem já se repetindo há alguns anos, em consequência da franca utilização da capacidade instalada, que não vem sofrendo, além dos aumentos de produtividade, nenhum incremento substancial consequente a novos investimentos ou expansões maiores.

A longa maturação dos investimentos do setor, associada a períodos anteriores ▶

QUADRO IV CELULOSE: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO EM 1.000 t

ANO	FIBRA CURTA		FIBRA LONGA		TOTAL	
	VOLUME	PARTICIPAÇÃO %	VOLUME	PARTICIPAÇÃO %	VOLUME	EVOLUÇÃO %
1977	994	66,1	509	33,9	1.503	19,8
1978	1.275	70,2	540	29,8	1.815	20,8
1979	1.841	75,2	607	24,8	2.448	34,9
1980	2.117	73,7	756	26,3	2.873	17,4
1981	2.054	73,5	742	26,5	2.796	(2,7)
1982	2.095	72,4	799	27,6	2.894	3,5
1983	2.166	70,8	892	29,2	3.058	5,7
1984	2.427	72,1	938	27,9	3.365	10,0
1985	2.345	68,9	1.058	31,1	3.403	1,1
1986(*)	2.428	67,8	1.152	32,2	3.580	5,2
(86/77)%	144,3	—	126,3	—	138,2	—

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial

Fonte: ANFPC

QUADRO V CELULOSE: VENDAS INTERNAS E CONSUMO PRÓPRIO - EM 1.000 t

ANO	CONSUMO PRÓPRIO				VENDAS INTERNAS			
	F. CURTA	F. LONGA	TOTAL	EVOL. %	F. CURTA	F. LONGA	TOTAL	EVOL. %
1977	472	453	925	—	370	54	424	—
1978	594	473	1.067	15,3	385	64	449	5,9
1979	699	521	1.220	14,3	471	84	555	23,6
1980	736	688	1.424	16,7	566	71	637	14,8
1981	703	650	1.353	(5,0)	544	68	612	(3,9)
1982	726	655	1.381	2,1	570	106	676	10,5
1983	736	741	1.477	7,0	551	116	667	(1,3)
1984	926	800	1.726	16,9	572	95	667	—
1985	923	907	1.830	6,0	575	98	673	0,9
1986(*)	985	987	1.972	7,8	628	103	731	8,6
(86/77)%	108,7	117,9	113,2	—	69,7	90,7	72,4	—

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial

Fonte: ANFPC

QUADRO VI
CELULOSE: EXPORTAÇÃO EM 1.000 t.

ANO	VOLUME	PARTICIPAÇÃO %	VOLUME	PARTICIPAÇÃO %	VOLUME	EVOLUÇÃO %
1977	134	99,2	1	0,8	135	33,7
1978	280	99,3	2	0,7	282	108,9
1979	634	98,9	7	1,1	641	127,3
1980	801	99,8	2	0,2	803	25,3
1981	799	98,2	15	1,8	814	1,4
1982	749	96,4	28	3,6	777	(4,5)
1983	983	96,3	38	3,7	1.021	31,4
1984	911	95,1	47	4,9	958	(6,2)
1985	833	93,7	56	6,3	889	(7,2)
1986(*)	802	93,5	56	6,5	858	(6,9)
(86/77)%	498,5	—	5.500,0	—	536,6	—

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial
Fonte: ANFPC

QUADRO VII
PAPEL: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM 1.000 t

ANO	IMPRIMIR/ESCREVER		EMBALAGEM		PARA FINS SANITÁRIOS		CARTÕES/CARTOLINAS		ESPECIAIS		TOTAL	
	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %
1977	683	30,6	1.053	47,1	143	6,4	285	12,8	70	3,1	2.234	9,2
1978	754	29,8	1.193	47,0	167	6,6	326	12,9	94	3,7	2.534	13,4
1979	874	29,3	1.402	47,0	201	6,7	375	12,6	128	4,4	2.980	17,6
1980	975	29,0	1.600	47,6	232	6,9	422	12,6	132	3,9	3.361	12,8
1981	981	31,6	1.416	45,6	228	7,4	360	11,6	117	3,8	3.102	(7,7)
1982	1.020	30,6	1.555	46,7	245	7,4	377	11,3	132	4,0	3.329	7,3
1983	1.061	31,1	1.607	47,0	257	7,5	368	10,8	124	3,6	3.417	2,6
1984	1.176	31,4	1.770	47,3	274	7,3	396	10,6	126	3,4	3.742	9,5
1985	1.353	33,6	1.807	44,9	288	7,2	458	11,4	115	2,9	4.021	7,5
1986(*)	1.563	34,8	2.018	45,0	286	6,4	488	10,9	130	2,9	4.485	11,5
(86/77)%	128,8	—	91,6	—	100,0	—	71,2	—	85,7	—	100,8	—

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial
Fonte: ANFPC

de restrita remuneração e o custo elevado do capital, desaguaram no estágio presente, extremamente difícil, onde a plena utilização da capacidade instalada já começa a provocar a redução sucessiva nos volumes exportados (Quadro V) para o benefício do abastecimento interno. Ressalte-se o resultado, brilhante para esta conjuntura, obtido com os ganhos de eficiência pelos fabricantes de papel, que conseguiram recolocar o crescimento da produção desse produto no patamar do crescimento secular do setor, mesmo a custo de sucessivas importações de matéria-prima celulósica (Quadros VII e VIII). Estas exportações, em virtude das necessidades prementes do setor, serão ainda necessárias e mais benéficas que a eventual importação do próprio papel.

QUADRO VIII
PAPEL: EXPEDIÇÃO NO BRASIL EM 1.000 t

ANO	CONSUMO PRÓPRIO		VENDAS INTERNAS		EXPORTAÇÃO		TOTAL	
	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	PART. %	VOLUME	EVOL. %
1977	298	13,6	1.858	84,5	42	1,9	2.198	5,9
1978	355	14,0	2.084	82,2	103	3,8	2.542	15,7
1979	433	14,8	2.343	80,3	142	4,9	2.918	14,8
1980	508	15,8	2.615	78,9	190	5,8	3.313	13,5
1981	508	16,6	2.226	72,7	329	10,7	3.063	(7,5)
1982	521	15,8	2.517	76,4	255	7,8	3.293	7,5
1983	525	15,4	2.433	71,6	441	13,0	3.399	3,2
1984	601	16,2	2.417	65,0	703	18,0	3.721	9,5
1985	606	15,3	2.843	71,9	508	12,8	3.957	6,3
1986(*)	689	15,5	3.128	70,4	629	14,1	4.446	12,4
(86/77)%	131,2	—	68,4	—	1.397,6	—	102,3	—

(*) Estimado com base no trabalho: Conjuntura Setorial
Fonte: ANFPC

A Nova Ripasa tem duas prioridades: proteção ambiental e produtividade.

O Conglomerado Ripasa tem consciência da importância do papel e da celulose para o desenvolvimento do País. Mas tem consciência, também, dos problemas e das dificuldades para harmonizar produção e proteção ambiental. A Ripasa está investindo 23 milhões de dólares em projetos e equipamentos voltados para a proteção do meio ambiente.

O Conglomerado montou uma das melhores equipes brasileiras para avaliação, prevenção e controle da poluição e preservação ambiental.

Na área florestal, a Ripasa reúne oito parques com 46.000 hectares de áreas para reflorestamento, viveiros de plantas e projetos agrícolas. Renovar a natureza é uma preocupação constante. Queremos crescer enquanto empresa.

E também queremos contribuir econômica, social e ecologicamente para o desenvolvimento do País. Por isso, na Nova Ripasa, produtividade está intimamente associada à preservação do meio ambiente.



Plantio de eucaliptos com três anos de idade.



Viveiro de mudas de eucalipto.

BIODEGRADABILIDADE, A GRANDE VANTAGEM.

Estudos comprovam que, em comparação com outros materiais, como o plástico, o uso do papel em embalagens é muito mais prático e limpo.

A embalagem daquilo que se usa no dia-a-dia está diretamente relacionada com a qualidade de vida. Em alguns casos, ela diferencia o grau de poder aquisitivo, dependendo do que revela a etiqueta, a procedência do artigo, mas, em todos os casos, a embalagem influi na pureza da água e do ar que respiramos. Quando não é reaproveitada, ela vai parar em aterros — sanitários ou não — e, se não se biodegradar, colabora com a proliferação de roedores, moscas e mosquitos transmissores e agentes de várias doenças contagiosas, além de agravar a contaminação do solo e dos lençóis que alimentam rios e córregos.

A sociedade moderna de consumo produz muito lixo, reaproveitável ou não. A tendência de economizar tempo induz ao uso de alimentos semi ou prontos, congelados, desidratados, enlatados e mesmo verduras cortadas e acondicionadas em sacos plásticos. Mas, em meio a essa corrida contra o relógio, o homem moderno termina deparando-se com um grave problema: livrar-se desse excesso de lixo.

No Brasil, de acordo com dados contidos em estudos apresentados, nos últimos anos, em seminários e debates sobre destinação do lixo ou sobre limpeza pública, 33,6% do lixo produzido não são coletados. É um volume considerável de matéria-prima poluidora e criadora de epidemias. E, dos dois terços coletados, 15,2% vira aterro controlado; 13% aterro sanitário; 3,5% são despejados n'água ou em mangues; 3,1% são levados para usinas de compostagem e 0,8% incinerado.

Segundo o doutor em Saúde Pública, Aristides A. Rocha, em seu ensaio *Aspectos Epidemiológicos e Poluidores, Vetores, Sumeiros, Percolados*, "dependendo do tipo da disposição no solo ou do pro-

cessamento do lixo, são inúmeras as possibilidades de poluição e eventual contaminação com reflexos à saúde pública". Entre as doenças citadas pelo especialista estão a peste bubônica, espiroquetose, meningite linfocitária, toxoplasmose, brucelose, esquistossomíase, para ficar nas mais conhecidas.

Se não bastasse o aspecto epidêmico do acúmulo de lixo que demora a se biodegradar, os estudiosos consideram a alteração do ecossistema o fator mais prejudicial. Dizem eles que "na disposição final de embalagens, utilizadas em atividades domésticas e profissionais, o aspecto da biodegradabilidade reduzida tem sido um dos maiores criadores de acelerações das alterações dos ecossistemas".

Apegando-se a esse fator o empresário Dante Ramenzoni, diretor da Papyrus Indústria de Papel S.A., com fábrica em Limeira, São Paulo, não poupa críticas ao uso indiscriminado de plástico nas embalagens. "O plástico — diz Ramenzoni — é responsável pela maior poluição do mundo. Para ele voltar a ser petróleo, sua origem, demora uns três mil anos. Já o papel, logo se reintegra. É biodegradável!"

De origem vegetal, industrializado a partir de certas espécies de árvores, ao ser enterrado, ou mesmo sob ação dos ventos e das chuvas, o papel mais rapidamente deixa de existir como agente poluidor num amontoado de lixo. Em pouco tempo se incorpora à terra, que, se for plantada, em poucos anos frutificará novas árvores, matéria-prima para novos papéis. Processo semelhante ao descoberto pelos egípcios, em 3.500 a.C., que começaram a escrever em folhas de papiro, prensando, tira do talo de uma grande erva da família das ciperáceas (*Cyperus papyrus*), alisando-as com dentes ou conchas.

papel não contribui para alterar o ecossistema nem provoca males que têm reflexos na saúde pública.

Por si só, a biodegradabilidade do papel o credencia como material prioritário para diversos produtos.



Ramenzoni: "o plástico é responsável pela maior poluição do mundo".

Aristides Rocha, cita em seu ensaio, um estudo realizado pela Cetesb - Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental, de Lombardi/Cavalcanti/Gregori, comparando a biodegradabilidade do plástico e do papel. O estudo revela que após 28 dias, enquanto metade dos papéis degradaram, nos plásticos apenas "aderência de hifas no filme do plástico".

O estudo solicitado pela Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose à Cetesb comparou a "biodegradabilidade no solo de alguns papéis e plásticos utilizados em embalagens comerciais". Executado pela Superintendência de Pesquisas, ele comprovou a enorme diferença existente.

Foram usados seis tipos de papéis e sete de plásticos. As amostras de papéis foram de tipo cristal, essencialmente utilizado nas embalagens de alimentos; tipo HD, usado para embrulhos; tipo Kraft natural para sacos multifolhados, usados em sacos e embalagens industriais de grande portes; tipo Maculatura, feito de aparas e usado na fabricação de tubos conciais, tubetes; papel Seda, para embrulho de objetos artísticos e guardanapos; e tipo Strong, para sacos de pequenos portes e embrulhos.

Os plásticos foram melinex, nylon, polietileno de alta densidade, polietileno de

baixa densidade, saran, polipropileno e PVC.

Foram dois tipos de testes: o de soterramento, para determinar a suscetibilidade à biodegradação por organismos normalmente presentes no solo; e teste com cultura pura de microorganismos, para apurar a suscetibilidade a microorganismos específicos. No caso, os fungos *lenzites trabea* e *chaetomium globosum* para os papéis e uma linhagem de *pseudomonas ueruginosa* em plástico.

A degradação provocada pela ação de microorganismos é quase que exclusivamente consequência de um processo bioquímico. E os estudiosos classificam esse fenômeno como de "grande importância para a manutenção dos equilíbrios naturais, pela liberação de nutrientes através da transformação da matéria orgânica residual".

As conclusões do estudo comparativo mostram que "os papéis apresentaram índices de biodegradabilidade nos testes de cultura pura e de soterramento". Já os plásticos, "todos os tipos, não sofreram alterações no teste de cultura pura". E no de soterramento, "três dos sete (polietileno de alta densidade, polipropileno e PVC) não apresentaram nenhum indício de permitir desenvolvimento de microorganismos presentes no solo".

Segundo esse estudo, diz o relatório final, "os resultados permitem concluir que, nas condições ensaiadas, os tipos de plásticos testados não apresentam biodegradabilidade mensurável, devendo, portanto, possuir menor velocidade de biodegradação, em solo, do que os tipos de papéis usados".

Por si só, a biodegradabilidade do papel o credenciaria como material prioritário para envolver os diversos produtos industrializados que hoje possuem como embalagem outras substâncias. Mas se, ainda hoje, as embalagens de papel, papelão, cartões ocupam maior espaço no segmento comercial, a participação das fibras vegetais originárias de embalagens de papel e cartões no percentual do lixo urbano, segundo o empresário Dante Ramenzoni, é de 30 a 35%. Pior para a natureza.

Esses dados não são empíricos, exercícios de numerologia. Recentemente sua empresa, a Papirus, pesquisou a estrutura do lixo urbano. Por um período de tempo, recolheu toneladas de papel de todo lixo, chegando ao exagero, de acordo com Ramenzoni, de "retirar os rótulos das garrafas, para obtermos maior precisão". E, de acordo com os dados levantados, o percentual chegou a um terço. ▶

O empresário não ficou muito satisfeito. Esperava mais. E tem lá suas razões. “Existem diferentes tipos de papéis”, diz ele, “mas todos são de fibras das árvores ou de matéria-prima vegetal. Alguns, como o papel vegetal, pode levar mais tempo para integrar-se ao solo, mas em poucos dias, todos se integram. E outra vantagem é que ao ser queimado, o papel não polui como o plástico. Você nota que na queima da madeira sai uma fuligem marrom. É cinza, o que é sempre bom para o solo”.

No Brasil, 33% da produção de papel se recupera

“O bom lixo é aquele que não vai para o lixo.” A assertiva deveria andar de braços com o enunciado de Lavoisier: “Na natureza nada se perde. Tudo se transforma”. E ambos cabem como uma luva ao papel. Afinal, o reaproveitamento do papel é infinitamente superior ao do plástico. “O plástico — diz Ramenzoni — não se recupera completamente e, colocado no aterro sanitário, não se recicla.”

No Brasil, 33% da produção de papel se recupera, o que dá algo em torno de 1,5 milhão de tonelada/ano. Em países como Alemanha a recuperação chega a 45%, graças as distâncias menores, o que compensa o transporte do papel para reciclagem. “O ideal”, diz Ramenzoni, “seria uma reciclagem completa, mas é impraticável. Mas a vantagem de aumentar o consumo de papel nas embalagens é a maior quantidade disponível de sobras, aparas, pois quanto mais papel for feito, mais aparas em disponibilidade teremos para fazer papéis reciclados. E o que não for recolhido, se degrada, não atingindo o meio ambiente”.

A assimilação, a biodegração do lixo é vital nos tempos modernos de consumo. Por isso, no estudo comparativo, a Cetesb destaca: “os fenômenos de poluição podem ser minorados pela capacidade de assimilação de poluentes e pela capacidade de autodepuração dos sistemas ecológicos naturais”. E isso, sem dúvida, constitui o maior custo/benefício da utilização do papel ao invés de outras substâncias não biodegradáveis nas embalagens.

Em função dessa análise, os técnicos, sugerem a feitura de legislação, do ponto de vista de proteção ambiental, sobre “os tipos de embalagens atualmente existentes”. Segundo eles, deveria ser dada uma diretriz “sobre o tipo de material a ser em-

pregado, dependendo de biodegradabilidade limitada para os produtos que necessitam ser preservados por mais longos períodos até sua abertura para utilização”.

Na prática, diz o diretor da Papius, as coisas não são bem assim. “Lei é uma questão de bom senso” — adverte Ramenzoni. “Você não vai determinar algo fora da nossa realidade porque se torna impraticável. Quem fica com algo que custa 100, enquanto que, por 50, outro faz o mesmo serviço?” E é justamente a diferença no custo que mantém o plástico em algumas embalagens, apesar de ser derivado do petróleo importado, teoricamente mais caro.

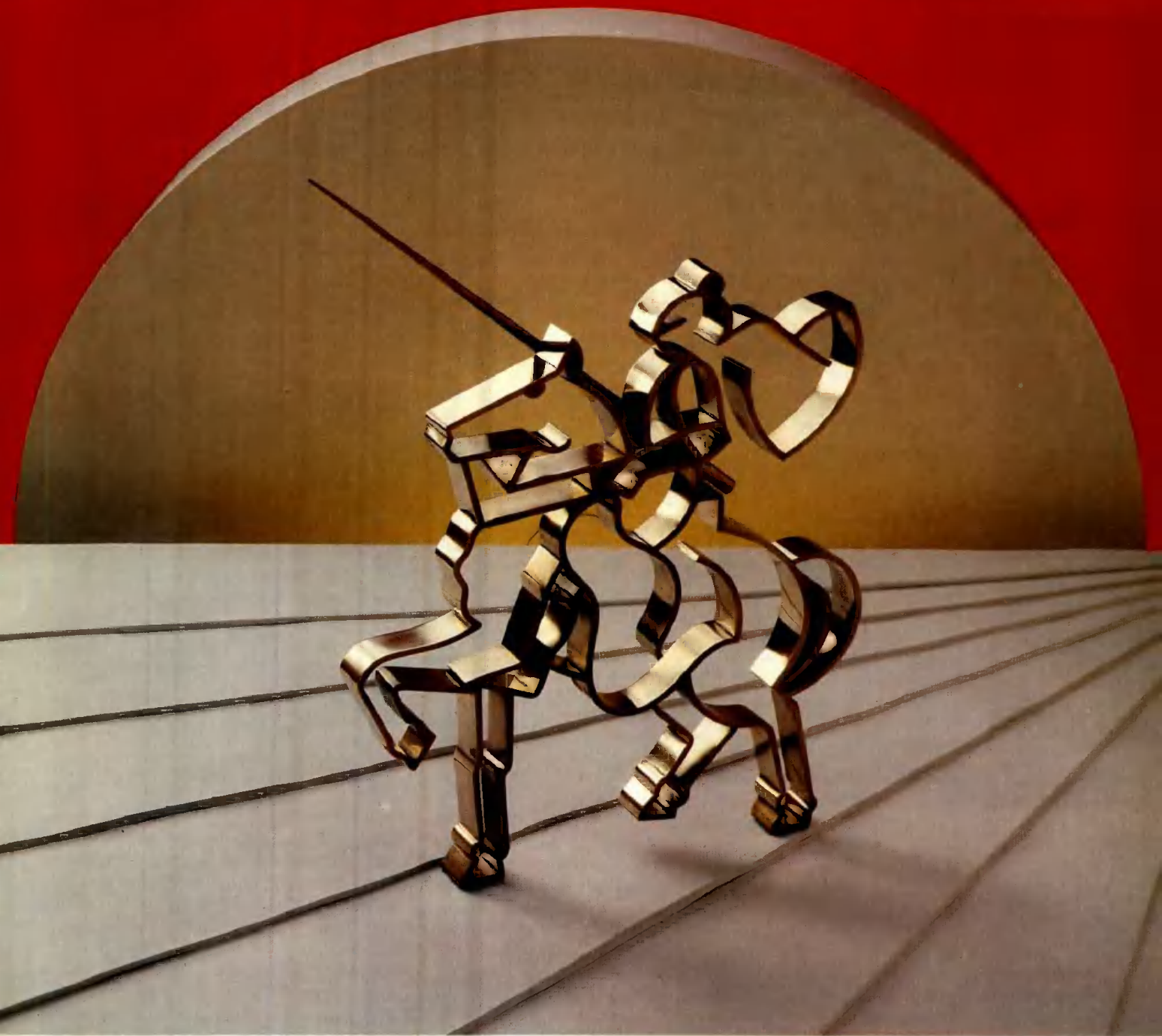
Até pouco tempo, copos de papel eram mais usados. Quem não lembra das festinhas de aniversários de criança? Mas, hoje em dia, por exemplo, em repartições públicas ou empresas privadas, o cafezinho é servido em copinhos plásticos. E mesmo a água mineral. E tudo por causa da questão custo/benefício. Ramenzoni reclama que “tem muita coisa que poderia ser aproveitada com papel, mas não o é porque a base do plástico, a sua matéria-prima fundamental, a nafta, é subsidiada, e o produto final fica mais barato. Antes, quando não havia subsídio, ficava mais caro o plástico que o seu concorrente papel”.

Segundo Ramenzoni, “a indústria até pensou em entrar mais firmemente no segmento de copos para cafezinho, mas, enquanto a matéria-prima do plástico for subsidiada, não temos condições de competir”. Na sua opinião, “em quase todo tipo de embalagem no qual se usa plástico, pode ser aproveitado o papel”. Em sacolas de supermercado, embalagens de comidas ou mesmo latas, como é o caso das de óleo lubrificante, que estão sendo substituídas por cartão.

O fundamental, porém, para que o papel ganhe espaço no segmento de embalagens, com benefícios para o meio ambiente, na opinião do empresário é “uma legislação que não atrapalhe a vida do setor papel e celulose. Algo que ocorre hoje em dia por causa da filosofia de proteger sacos de juta, algodão, polipropileno e afins. Por isso continuamos a fazer estudos, reunindo esforços a nível de associação, para encaminhar alternativas visando solucionar esse problema”. Impasse que, se resolvido, trará vantagens para o setor e para a natureza.

E m quase todo tipo de embalagem no qual se usa plástico, pode ser aproveitado o papel”.

Símbolo de Avançada Tecnologia



Os diferentes tipos de papel CHAM-EX, cada qual destinado à seu processo e uso específicos, constituem a expressão da mais avançada tecnologia industrial dirigida

aos consumidores de papel cortado. As referências 100-200-300-400-500 e 600 identificam a nossa linha CHAM-EX e uma delas, certamente, será a mais adequada para a rea-

lização de seus serviços. Para manter de ponta a ponta o alto padrão de qualidade e atendimento, dirija-se aos nossos Distribuidores Autorizados.

Champion Papel e Celulose Ltda.

SEPACO AMPLIA SUA AÇÃO NO INTERIOR

Dentro de seu plano de descentralização do atendimento, o Sepaco instalou seu segundo ambulatório no interior do Estado, em Americana. E mais cinco cidades passam a contar com os serviços médicos da entidade.



O novo ambulatório atende também Piracicaba, Limeira, Nova Odessa e Cordeirópolis

E stender os serviços a todo o Estado é idéia antiga que agora começa a se concretizar

A pós atingir um dos mais altos padrões na prestação de serviços médico-hospitalares do País, o Sepaco - Serviço Social da Indústria de Papel, Papelão e Cortiça no Estado de São Paulo, em seguimento à sua filosofia administrativa, desenvolve uma nova fase em seus conceitos de atendimento, com a implantação de um segundo ambulatório no interior do Estado, agora na cidade de Americana. O primeiro funciona desde 1985 em Mogi das Cruzes.

“Levar o nível de atendimento que oferecemos na capital, através do Hospital do Sepaco a abranger todo o Estado é uma idéia antiga que agora está sendo posta em prática” — diz Edelson Ghersel Narchi,

superintendente médico do Sepaco. “Consideramos que, implantando estes ambulatórios, estamos, indiretamente abrindo a eficiência de nosso complexo hospitalar a todo o Estado” — complementa.

O Sepaco tem por objetivo oferecer assistência médico-hospitalar aos empregados, e seus dependentes, nas indústrias de papel, celulose e congêneres do Estado de São Paulo. Até há pouco, o atendimento ao interior era garantido com parte das contribuições das empresas sendo encaminhada aos sindicatos para que eles propiciassem a assistência médica na própria localidade, permanecendo o hospi-



Cerca de 20 mil pessoas foram beneficiadas com a instalação do ambulatório...

tal da capital na retaguarda para internações ou cirurgias.

A estratégia de descentralização do Sepaco, com a implantação de ambulatórios no interior, visa não apenas estender o padrão de atendimento a outras regiões, mas também agilizar esse mesmo atendimento, em benefício dos funcionários. Desta forma, o Sepaco não permanece como entidade estática à espera do funcionário, mas vai ao encontro da comunidade que se propõe a atender.

De acordo com Narchi, “nos estudos para definição dos parâmetros para esta descentralização, optamos pela concentração de funcionários do setor nos diversos pólos do Estado. Mogi era o mais numeroso e Americana o segundo”.

O ambulatório de Americana, funcionando desde o segundo semestre de 1986, atende também às cidades de Piracicaba, Limeira, Nova Odessa e Cordeirópolis, beneficiando uma comunidade de cerca de 6 mil funcionários e dependentes — algo em torno de 20 mil pessoas. Segundo dados do Sepaco, a região possui muitas pequenas indústrias de artefatos, com perfil de funcionários mais carentes.

Contando com médicos próprios nas especialidades básicas — ginecologia e obstetria, pediatria e clínica geral — o ambulatório de Americana, além de pessoal de enfermagem, dispõe de todos os recursos ambulatoriais necessários e or-



...que dispõe de todos os recursos necessários ao atendimento.

ganiza o atendimento com os conveniados. “Nosso coordenador em Americana — explica Auro Norimassa Gushiken, superintendente de Corpo Clínico do Sepaco — avaliou todos os profissionais da região de abrangência do ambulatório, antes que fossem conveniados conosco. Com essa postura, transferimos para lá todos os critérios rigorosos de avaliação técnica que exercitamos aqui em São Paulo. Assim, os funcionários da região têm à sua disposição profissionais médicos de alto nível que cobrem praticamente todas as especialidades”.

O ambulatório é responsável pelos

atendimentos primário e secundário, funcionando como ponto de triagem para casos que, necessitando de um maior arsenal de recursos médicos, como internações ou cirurgias, devam ser encaminhados a São Paulo. Desde sua inauguração o ambulatório de Americana já atendeu a quase 1.500 consultas, sendo 1.070 próprias e 425 conveniadas.

“O plano de abertura de novos ambulatórios no Estado continua sendo desvolvido e estamos estudando a viabilidade de abriremos outros ambulatórios a partir de este ano” — informou Edelson Gisel Narchi.

CARACTERIZAÇÃO DO SEGMENTO DE CÉLULOSE NÃO-MADEIRA.

Cana-de-açúcar, sisal, babaçu, bambu - são algumas das fontes de fibra que estão sendo pesquisadas para produção de celulose. Este estudo mostra o atual estágio de utilização desses vegetais.

A principal matéria-prima para a produção de celulose no Brasil e no mundo é a madeira. Em nosso país, somos os pioneiros e maiores produtores mundiais de celulose de eucalipto. Contudo, existe uma importante fonte de fibra, nas plantas anuais, tais como: cana-de-açúcar, sisal, babaçu, bambu etc., que vêm e estão sendo utilizadas na produção de celulose, por 14 empresas concentradas basicamente na região Nordeste, sendo uma produtora de celulose de sisal para o mercado, e 13 produzindo para seu próprio uso (Veja *Quadro I*).

A capacidade de produção desse segmento (Veja *Quadro II*) atingia ao final de 1985, 1.030 toneladas por dia, dado que, comparado à produção, indica haver muita capacidade, principalmente quando consideramos que o setor opera, praticamente, em plena capacidade. Mesmo quando analisamos os subsegmentos, encontramos capacidade em todos eles, o que se expli-

QUADRO I
RELAÇÃO DE EMPRESAS QUE PRODUZEM CÉLULOSE NÃO-MADEIRA NO BRASIL

EMPRESA	MATÉRIA-PRIMA	UF
Cia. de Celulose da Bahia	Sisal	BA
Cia. de Papel e Papelão Pedras Brancas	Bambu	RS
Cia. Indl. de Papel Pirahy	Linhaça, crotolária, sisal e estopa de linho	RJ
Cia. Inds. Brasileiras Portela	Bambu + bagaço de cana	PE
Cia. Sulcearense de Papéis - Sulcepa	Bagaço de cana	CE
Conpel - Cia. Nordestina de Papel	Sisal	PB
Fca. de Papel da Bahia S.A. - Sapelba	Sisal	BA
Ind. de Papéis Santo Amaro	Bambu	BA
Ind. de Papel e Celulose de Salto S.A.	Linters	SP
Inds. Matarazzo de Embalagens	Bagaço de cana	SP
Inds. Minerva S.A.	Sisal + bagaço de cana	PE
Itapagé S.A. Cel., Papéis e Artefatos	Babaçu	MA
Papelão Ondulado do Nordeste S.A. - Ponsa	Bagaço de cana	PE
Pirassununga S.A. Ind. de Papel e Papelão	Bagaço de cana	SP

ca, em parte, pelo processo não contínuo de produção que é paralisada freqüentemente em função de fatores externos tais como: escassez ou alto preço de matéria-

prima, abundância de materiais alternativos etc.

Quanto ao processo produtivo, encontramos metade das indústrias fabricando

QUADRO II
CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DE CÉLULOSE NÃO-MADEIRA

em tonelada por dia

Matéria-Prima	Capacidade t/dia em 31/12/85			Ociosidade %
	Branqueada	Não-Branqueada	Total	
Fibra Curta	—	546	546	66,6
Babaçu	—	110	110	69,5
Bagaço de cana	—	436	436	65,9
Fibra Longa	226	258	484	57,9
Bambu	—	208	208	51,8
Sisal	210	50	260	64,3
Doutros	16	—	16	34,8
Total	226	804	1.030	62,5

QUADRO III
DISTRIBUIÇÃO DOS FABRICANTES DE CÉLULOSE NÃO-MADEIRA, SEGUNDO O PROCESSO DE PRODUÇÃO

Processo	Celulose	
	Química	Semi-química
Sulfato	3	0
Sulfito	0	1
Soda	4	3
Cal	0	3
Total	7	7

QUADRO IV
CONSUMO DE PLANTAS ANUAIS PARA PRODUÇÃO DE CELULOSE

Matéria-Prima	Origem				Total
	Própria		De Terceiros		
	toneladas	partic. %	toneladas	partic. %	
• <i>Fibra Curta</i>	55.554	29,2	134.014	70,8	189.168
Babaçu	—	—	38.063	100,0	38.063
Bagaço de cana	55.554	36,5	95.951	63,5	151.105
• <i>Fibra Longa</i>	17.539	10,2	154.236	89,8	171.775
Bambu	3.351	2,8	116.076	97,2	119.427
Sisal	14.188	29,7	33.651	70,3	47.839
Outras	—	—	4.509	100,0	4.509
Total	72.693	20,1	288.250	79,9	360.943

QUADRO V
EVOLUÇÃO ANUAL DA PRODUÇÃO DE CELULOSE NÃO-MADEIRA DE FIBRA CURTA

Ano	Produção de Celulose de					
	Babaçu		Bagaço de cana		Total	
	Volume	Evolução	Volume	Evolução	Volume	Evolução
1977	—	—	60.457	—	60.457	—
1978	—	—	73.199	21,1	73.199	21,1
1979	19.456	—	79.549	8,7	99.005	35,3
1980	24.108	23,9	68.647	(13,7)	92.755	(6,3)
1981	20.665	(14,3)	54.673	(20,4)	75.338	(18,8)
1982	20.328	(1,6)	49.547	(9,4)	69.875	(7,3)
1983	22.212	9,3	43.108	(13,0)	65.320	(6,5)
1984	22.212*	—	51.734	20,0	73.946	13,2
1985	11.477	(48,3)	50.900	(1,6)	62.377	(15,7)
(85/77%)	—	—	(15,8%)	—	(3,2)	—

* A empresa não informou em 1984.

celulose química das quais apenas três, utilizam o processo sulfato, considerado mais moderno. (Veja *Quadro III*). As demais produzem celulose semiquímica, sendo o processo soda o mais utilizado.

Quatro empresas abastecem-se, exclusi-

vamente, com matéria-prima própria. As demais, em maior ou menor grau, dependem de terceiros para suprir suas necessidades de fibras. As empresas que produzem celulose de fibra curta não-madeira tem apenas 29,2% de auto-abastecimento,

enquanto nas produtoras de fibra longa não-madeira este índice atinge 10,2%. Em 1985, foram consumidas 360 mil toneladas de plantas anuais para a produção de celulose, sendo o maior consumo de bagaço de cana e o de bambu, que juntos representam 75% do total utilizado.

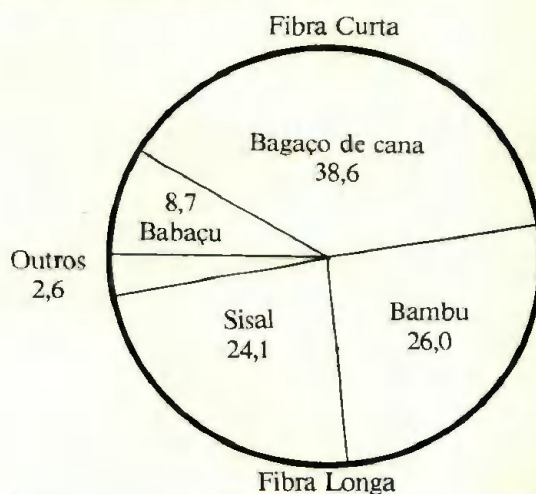
A produção total de celulose não-madeira não apresentou crescimento significativo nestes últimos nove anos. Contudo, quando separamos os tipos de fibra, notamos uma tendência de queda para as fibras curtas e crescimento para as fibras longas. No caso de celulose de bambu houve uma evolução de 80,9%.

A produção anual de fibras curtas (Veja *Quadro V*), de 60 mil toneladas em 1977 atingiu quase 100 mil toneladas em 1979 diminuindo para 62 mil em 1985, com consequência de uma queda brusca na produção de celulose de babaçu, 50% de um ano para outro. As empresas deste segmento consomem toda a celulose produzida, não existindo vendas ao mercado. Além disso, não existe branqueamento de fibra curta não-madeira; seu destino é a produção de papel de embalagem, no qual a fibra curta não apresenta bom desempenho. Assim, os papéis produzidos não devem ter a resistência ao rasgo como pré-requisito, pois, basicamente, tanto a celulose de bagaço quanto a de babaçu, são utilizadas na produção de papel miolo.

No caso de fibra longa (Veja *Quadro VI*), a produção apresentou aumento significativo (62,0%), evoluindo de 43,0 mil para 69,6 mil toneladas em 1985, atingindo um máximo de 94,6 mil toneladas em 1984.

A celulose de bambu apresentou maior crescimento na produção (80,9% no período 77/85, passando de 19,0 mil

GRÁFICO I
COMPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CELULOSE NÃO-MADEIRA - 1977/85



QUADRO VI
EVOLUÇÃO ANUAL DA PRODUÇÃO DE CELULOSE NÃO-MADEIRA DE FIBRA LONGA

Ano	Produção de Celulose de							
	Bambu		Sisal		Outras		Total	
	Volume	Evol. %	Volume	Evol. %	Volume	Evol. %	Volume	Evol. %
1977	18.964	—	19.197	—	4.835	—	42.996	—
1978	17.471	(7,9)	30.707	60,0	4.444	(8,1)	52.622	22,4
1979	21.718	24,3	18.423	(40,0)	4.860	9,4	45.001	(14,5)
1980	26.885	23,8	10.160	(44,9)	4.360	(10,3)	41.405	(8,0)
1981	29.433	9,5	12.402	22,1	4.837	10,9	46.672	12,7
1982	32.973	12,0	22.738	83,3	3.841	(20,6)	59.552	27,6
1983	37.566	13,9	47.344	108,2	2.819	(26,6)	87.729	47,3
1984	36.338	(3,3)	55.218	16,6	3.128	11,0	94.684	7,9
1985	34.307	(5,6)	31.757	(42,5)	3.570	14,1	69.634	(26,5)
(85/77)%	80,9	—	65,4	—	(26,2)	—	62,0	—

para 34,3 mil toneladas, sendo a maior produção, 37,6 mil toneladas observadas em 1983. A exemplo do bagaço de cana, a celulose de bambu é toda não-branqueada e destinada exclusivamente a

consumo próprio para a produção de papéis de embalagem.

Contudo, o longo comprimento da fibra confere ao papel bons índices de resistência, permitindo sua utilização na pro-

dução de papel *kraft* que, basicamente, absorve toda a sua produção.

A celulose de sisal apresentou um crescimento de 65,4% no período de 1977 a 1985. Sua produção oscila muito, atingindo extremos de 10,2 mil em 1980 e 55,2 mil em 1984. Ao contrário das demais, a celulose de sisal é branqueada, e nesta condição é vendida no mercado, sendo destinada, devido suas características particulares, a produção de papéis especiais. As empresas que não branqueiam esta celulose, utilizam-na para produção de papel de embalagem *kraft*, destinada a confecção de sacos de papel.

Face às suas características, esta celulose é muito procurada pelos potenciais consumidores. Contudo, sua produção enfrenta problemas devido à escassez de matéria-prima, uma vez que o sisal é utilizado para outros fins. As empresas estão aumentando o consumo de sisal próprio, o que deverá permitir a normalização da oferta em futuro próximo.

Por último, temos duas empresas produzindo celulose a partir de matérias como: *linters*, crotolária, *kenaf*, linho etc. Ambas branqueiam esta pasta que é destinada à produção de papéis especiais, como os de segurança e para cigarros.

De uma maneira geral, a produção de celulose não-madeira vem perdendo participação no mercado para as pastas de eucalipto e pinho (Ver Quadro VII), que no período de 1977/85, apresentaram um crescimento de 133,9% contra 27,6%. Como consequência, a celulose a partir de plantas anuais, que representava 6,9% da produção em 1977, participou com apenas 3,9% em 1985. Mantida a mesma proporção de 1977, o setor estaria produzindo 242

QUADRO VII
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CELULOSE

Ano	Celulose				Total tonelada
	Não-madeira		Madeira		
	Volume ton.	Partic. %	Volume ton.	Partic. %	
1977	103.453	6,9	1.398.817	93,1	1.502.270
1978	125.821	6,9	1.688.173	93,1	1.813.994
1979	144.006	5,9	2.303.745	84,1	2.447.751
1980	134.160	4,7	2.738.536	95,3	2.872.696
1981	122.010	4,4	2.673.780	95,6	2.795.790
1982	129.427	4,5	2.765.343	95,5	2.894.770
1983	153.049	5,0	2.904.724	95,0	3.057.773
1984	168.630	5,0	3.195.755	95,0	3.364.385
1985	132.011	3,9	3.271.453	96,1	3.403.464
(85/77) %	27,6	—	133,9	—	126,6

Panorama de celulose não-madeira

BRASILEIRO

Produção-base de 132 mil t/ano
Elevado grau de ociosidade média acima de 60%.
Não há novos projetos anunciados.
Pesquisa tecnológica muito restrita e sem divulgação adequada.

MUNDIAL

Produção-base de 15 milhões t/ano concentrada nos países em desenvolvimento do Hemisfério Sul.
Continuamente são anunciados novos projetos.
Pesquisa tecnológica importante e de ampla divulgação.

mil toneladas de celulose não-madeira, 110 mil a mais do que o efetivamente produzido, que seriam muito importantes na atual conjuntura de escassez de fibras.

Finalizando, podemos dizer que este segmento é constituído por fábricas antigas, com processos de produção antigos e inadequados à realidade atual, o que, juntamente com os problemas de abastecimento de matéria-prima provocam a alta ociosidade encontrada no setor.

Esta situação, porém, está mudando, as empresas estão revendo suas tecnologias de produção; e, de um modo geral, estão optando pela modernização de seus parques fabris, mantendo plantas anuais como matéria-prima. Assim, acreditam que o índice de ociosidade detectado deverá diminuir gradativamente, aumentando a participação da celulose não-madeira na produção nacional.

O panorama atual do segmento brasileiro de celulose não-madeira, pela sua peculiaridade, vem apresentando alguns problemas muito específicos: enquanto no Brasil caracteriza-se um certo desinteresse pelas fibras não-madeira, a nível mundial multiplicam-se projetos e pesquisas.

Segundo Vilém Willer, da Ponsa - Pa-

pelão Ondulado do Nordeste S.A., a estagnação na fabricação de polpa não-madeira, ao mesmo tempo em que a produção de polpas madeira não vence à demanda, explica-se por alguns fatores: "Há o problema da poluição e os altos investimentos exigidos para a preservação do meio ambiente. Existe a capacidade reduzida: menor que 100 t/dia das fábricas existentes, em geral obsoletas, que agrava a inviabilidade econômica e até técnica desses investimentos. Por fim, o uso de bagaço de cana como combustível alternativo elevou seu preço tornando-o menos atraente como matéria-prima para celulose".

Analisando os dados do Gráfico I e do Quadro V, Willer entende que "praticamente toda a celulose de bagaço de cana foi usada para a fabricação de papel-miolo cujo consumo subiu no mesmo período por mais de 25%. O déficit de celulose foi preenchido pelo uso de aparas, seguindo o *trend* mundial de usar fibra reciclada no lugar de fibra virgem. Se esta substituição não abrisse novos problemas, nós não precisaríamos nos preocupar demasiadamente".

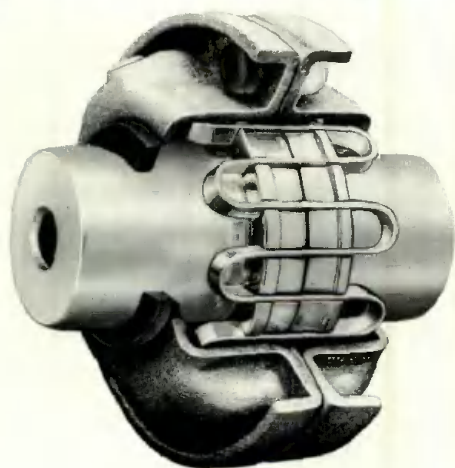
Ocorre, porém, que o aumento do consumo de aparas provocou não somente a

subida de seu preço, mas também sua escassez. No Brasil esta situação é mais grave do que na Europa. E no Nordeste, a região do bagaço, mais grave do que no Centro-Sul, com tendência a piorar no futuro.

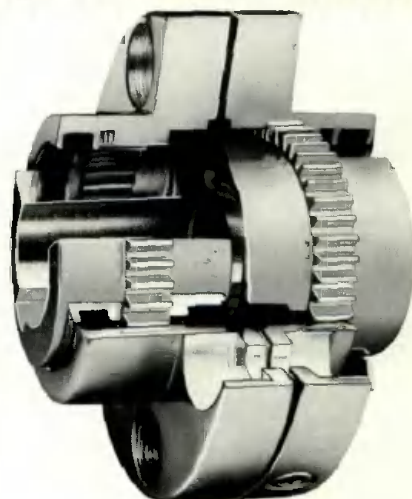
Nesta época de demanda insaciável de embalagem, fábricas de papelão ondulado estão temporariamente paradas por falta de papel-miolo. Como deve o setor enfrentar a situação. De acordo com Vilém Willer, "a fibra virgem continua indispensável para equilibrar a demanda de fibra reciclada, principalmente no Nordeste onde a fibra não-madeira prevalece. Devemos intensificar a pesquisa para encontrar processos menos poluentes e tornar os meios para preservação ecológica economicamente viável. Para polpas de madeira a resposta foi encontrada nas Pastas de Alto Rendimento, principalmente pelo processo Ctmp. Para as fibras não-madeira faltam ainda experiências. E há ainda o problema de fábricas pequenas e obsoletas que têm pouca chance de sobreviver".

Embora tratando em suas conclusões da pasta de bagaço de cana, Vilém Willer acredita que as mesmas sejam válidas, pelo menos parcialmente, também para as outras fibras não-madeira.

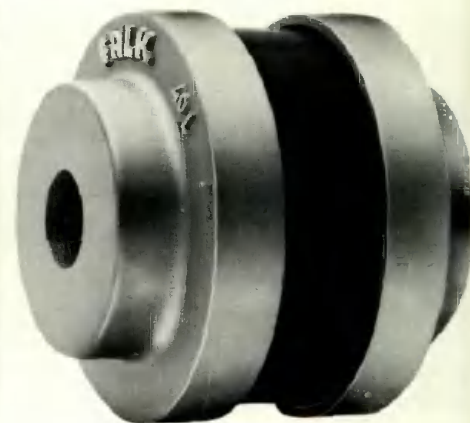
EM MATÉRIA DE ACOPLAMENTOS, A TECNOLOGIA FALK NUNCA DÁ FOLGA.



Acoplamento F - Steelflex
Potência máxima: 9.000 HP
Rotação máxima: 6.000 rpm
Torque máximo: 10.000 mkgf
Características: flexível e torcionalmente elástico



Acoplamento G - de engrenagens
Potência máxima: 165.000 HP
Rotação máxima: 8.000 rpm
Torque máximo: 550.000 mkgf
Características: flexível e torcionalmente rígido



Acoplamento L - Poliuretano
Potência máxima: 10 HP
Rotação máxima: 4.500 rpm
Furo máximo: 38 mm
Características: flexível e torcionalmente elástico

Fornecemos outros tipos de acoplamentos, padronizados em diversos tamanhos, para diferentes aplicações industriais.

Rua José Martins Coelho, 300 - CEP 04461 - Santo Amaro - caixa postal 6064 - tel. 548-4011 - telex (011) 31550/34672 - São Paulo - SP.

FALK

UM CRIADOR DE HISTÓRIAS E EMPRESAS

Arisco e buliçoso quando cria suas personagens literárias. Calmo, observador e crítico, quando se trata de gerir empresas. Mas para Sinibaldo Trombini, cada coisa tem seu tempo, tem sua hora...

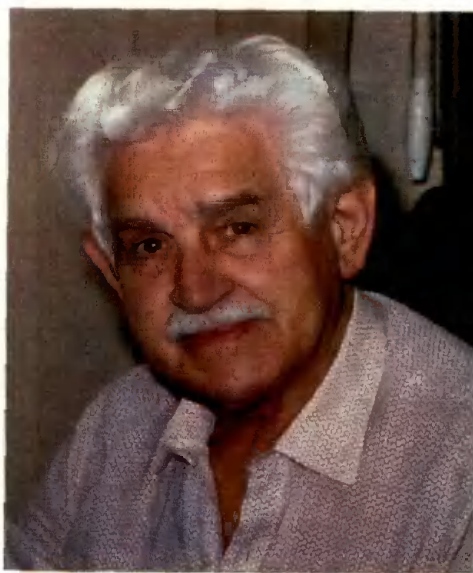
Poeta, escritor, proseador e, acima de tudo, administrador. Estas são algumas das qualificações do empresário Sinibaldo Trombini. Sem contar ainda que também é escultor, apreciador do bom cinema e diretor do Grupo Industrial Trombini, uma empresa de grande porte, com raízes administrativas estritamente familiares, à qual está ligado pelos laços de sangue e cuja base ajudou a organizar.

Cumprindo um rígido sistema de trabalho, chega sempre no mesmo horário e desempenha religiosamente suas funções, dedicando, a cada uma de suas tarefas, um determinado espaço de tempo. Assim, distribuindo harmoniosamente esse tempo — no que se inclui um intervalo para o chá —, ao fim do dia ele conseguiu dedicar-se não só ao acompanhamento das negociações desenvolvidas pelas indústrias às quais está ligado, como também ao andamento de mais duas obras literárias que prepara para publicação ainda neste primeiro semestre de 1987.

Com a voz calma e incisiva de quem, aos 78 anos completados em janeiro último, sabe que devagar se vai mais longe, Sinibaldo Trombini inflama-se ao falar de sua literatura. As palavras se atropelam, espelhando toda a vivacidade de sua criação. Os olhos se arregalam, as personagens falam pela sua voz e as mãos — em gestos ora rápidos, ora suaves como os de um maestro — indicam os destinos de cada personagem citado...

Ele é assim.

Quando cuida de suas personagens literárias é arisco e buliçoso. Já com sua indústria é calmo, observador e crítico. Tudo a seu tempo, tudo à sua hora.



Poeta, prosador, bom de papo, é também administrador de sucesso. Para todos, porém, é antes de tudo um bom sujeito.

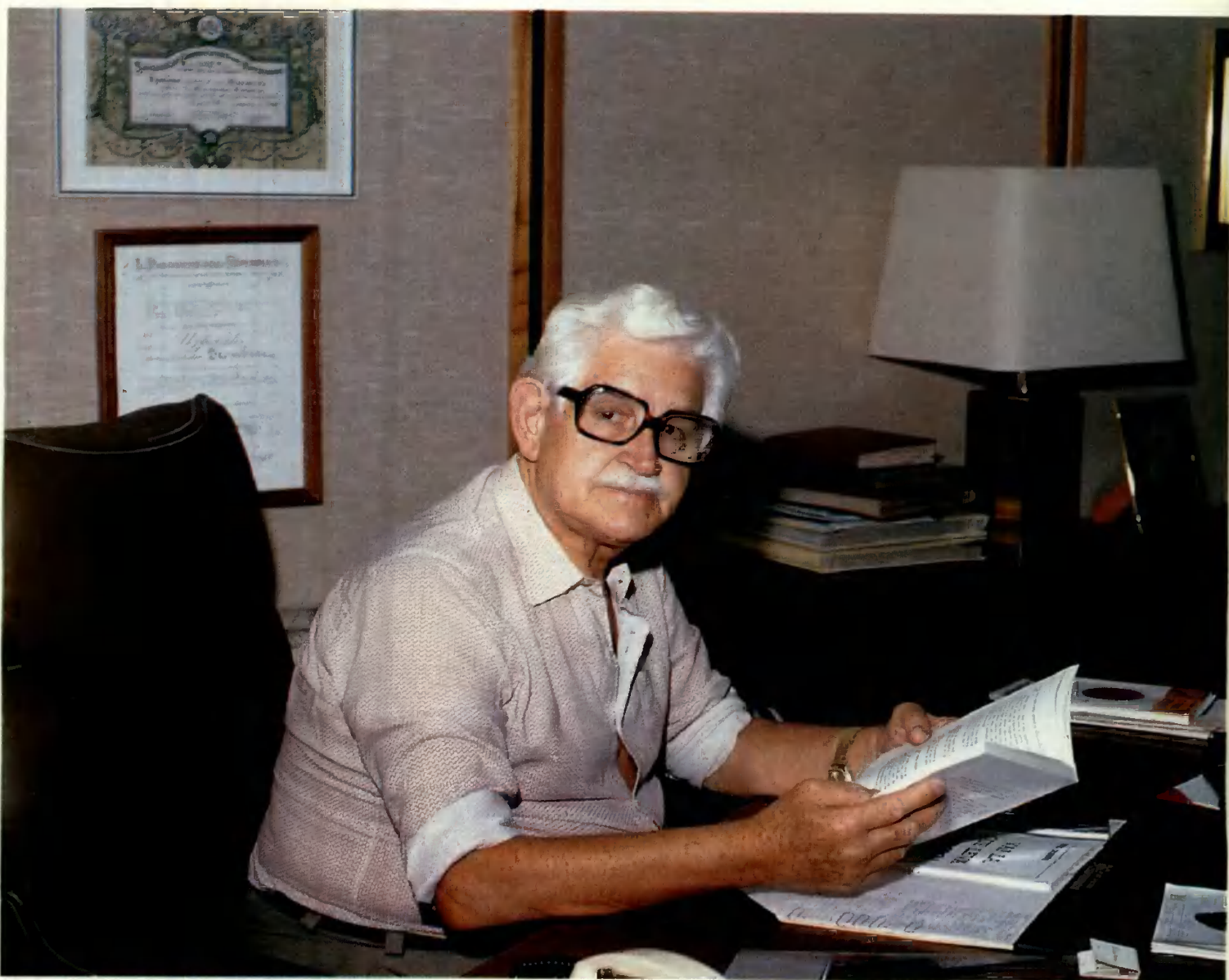
Nascido em Morretes, na comunidade de América de Baixo, um reduto da colonização italiana no litoral paranaense, Sinibaldo Trombini trabalhou desde a juventude ajudando o pai, empresário e comerciante, cuidando da administração dos cinemas que a família possuía em Morretes (Cine Marumby) e na cidade portuária de Paranaguá (Cine Paraíso). Aí nasceu sua grande ligação com a arte: promovia apresentações teatrais, aproveitando a passagem de grandes companhias pelo Paraná, principalmente os grupos

portugueses de teatro, como a Companhia de Eduardo Pereira, que marcou época com seus espetáculos nas primeiras décadas do século.

Quando de sua transferência para Curitiba, onde veio para estudos, Sinibaldo teve oportunidade de desenvolver mais e melhor sua ligação com as artes cênicas, freqüentando com assiduidade o Cine Teatro Palácio, gerenciado por seu tio Achilles, que era na época uma das maiores casas de espetáculos da capital paranaense. "As representações eram soberbas — recorda Trombini — e as grandes companhias realizavam espetáculos que mobilizavam toda a população. Eram momentos mágicos, de total integração artista-público, num verdadeiro sucesso."

Destas apresentações, existem até algumas histórias curiosas, como a da Sertanejinha, soprano brasileira que teve grande sucesso. No auge de sua fama, já com o nome de Parecis, Sinibaldo encontrou-a em uma viagem e educadamente dirigiu-se à grande cantora lírica: "Como vai, Sertanejinha?" Ao que a dama respondeu: "O senhor deve estar me confundindo com alguém". O sucesso havia subido à cabeça da soprano...

Deixando um pouco de lado os cinemas, mas sem se desvincular das artes, quando se dedicava à escultura, Sinibaldo passou a desenvolver atividades de administração, empregando-se numa cervejaria, hoje da Brahma e na Companhia F. Essensfelder (fábrica de pianos). Novamente ligado ao cinema, trabalhou nos escritórios da Paramount Pictures, em Curitiba, retornando então à terra natal para concluir suas obrigações no Tiro de



Uma vida que se divide entre o amor às artes e à administração das empresas do Grupo Trombini

Guerra 70 e auxiliar nos negócios da família.

Após a volta a Morretes e o casamento com d. Itália Maria Malucelli, Sinibaldo ligou-se ao setor papelheiro, trabalhando na Casa França Gomes Ltda., da Fábrica Paranaense de Papel, juntamente com seu irmão Mirtillo.

Por seu discernimento e habilidade, Mirtillo foi convidado pelo seu chefe de escritório, Antônio Manoel de Almeida, para abrir uma empresa de compra e venda de papéis. Foi daí que surgiu a pedra angular de toda a organização que hoje é o Grupo Industrial Trombini. Em 1946,

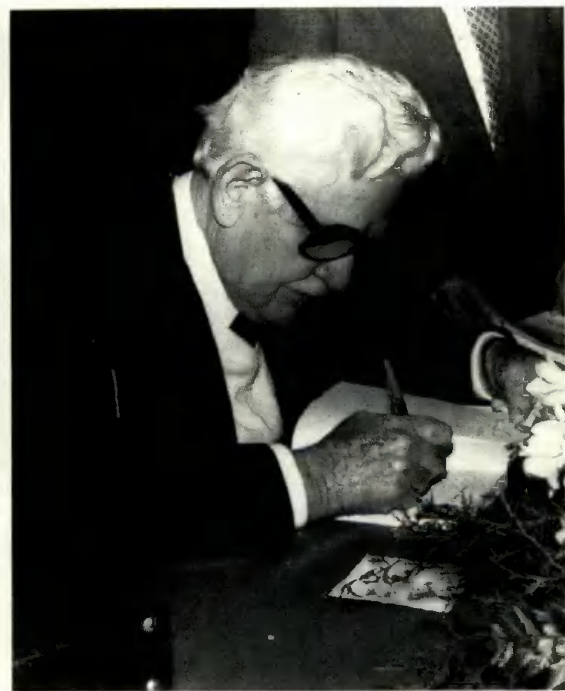
Sinibaldo saiu da Paranaense para dedicar-se ao negócio da família.

“Foi um tempo de trabalho árduo — ele conta — com a firma tornando-se uma sociedade anônima e explorando o comércio de varejo e representações, até envolver para o campo da indústria. Aí sim — afirma —, neste setor houve um crescimento impressionante, com um verdadeiro campo aberto e um mercado ávido de negócios que precisava ser suprido.”

Os Trombini passam a produzir papel, pasta mecânica, celulose e embalagens em geral — suas empresas ramificando-se aos poucos pelo Sul do País, criando e adqui-

rindo fábricas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e ampliando áreas também em São Paulo e na Bahia.

Ponto decisivo a destacar no crescimento das indústrias está no fato de elas terem-se tornado uma empresa com administração totalmente familiar, com filhos e netos integrando diversas atividades e procurando desenvolver outros setores. O Grupo Trombini inclui, hoje, agropecuária, reflorestamento e também uma grande fábrica de equipamentos para a indústria de papel, num consórcio com a Sunds (Suécia) e com a BHS (Alemanha) que fornece seus equipamentos para diversos



Passado e presente: recebendo a Comenda da Sociedade Dante Alighieri e autografando seu livro mais recente.

países da América e também da África.

Com os negócios em andamento, sob coordenação dos filhos e netos, além de contar com uma grande equipe de administradores, Sinibaldo Trombini passou a exercer o cargo de conselheiro do Grupo e a contar com mais tempo para se dedicar à arte e à literatura.

Aliás, a arte parece ser um dos grandes elos existentes entre os membros da família Trombini. Mirtillo, o fundador, um dos grandes expoentes da pintura paranaense, iniciou seus estudos com o mestre Lang de Morretes e também com o mestre do desenho Szjabo. Hoje, as telas de Mirtillo correm o mundo, principalmente com as paisagens de Morretes. Ele é considerado o "pintor de Morretes", por ter retratado os mais escondidos pontos do lugar, sempre com grande riqueza de detalhes e um domínio das cores que fascinam aos apreciadores da arte e àqueles que conhecem Morretes, também retratada por outro filho famoso das tintas, Theodoro De Bona.

Autodidata, escultor, desenhista e pintor, Sinibaldo Trombini desenvolveu prioritariamente a escultura, produzindo mais de 100 trabalhos que se encontram espalhados pelo País. Na pintura e no desenho, limitou-se a estudos. Também teve forte atração pelo canto — que diz considerar

Ainda este ano, Sinibaldo Trombini deverá lançar mais dois livros. Isto sem contar o trabalho nas empresas

uma arte sublime, mas na qual não passou de um amador —, chegando a integrar, como barítono, o grupo de cinco vozes que interpretou, numa grande festa já realizada em Morretes, na Igreja de Nossa Senhora do Porto, a Missa de Domênico Galotti, uma partitura de três horas de duração.

Foi na literatura, porém, em 1978, que Sinibaldo Trombini se completou artisticamente. Sua primeira obra foi *Simple Mensagens* (poesias e contos). Seguiram-se *Velha Mansão* (1979), a novela *Simone* (1980), o romance histórico *Giuseppe* (1982). Após um intervalo de três anos, durante o qual se dedicou a uma série de viagens pelo mundo, Sinibaldo lançou, em 1986, duas obras: a novela *Tita* e o romance *Só pelo Amor Vale a Vida*, uma história "em ritmo de valsa", baseada na composição do mesmo nome de Zequinha de Abreu.

Exercendo suas funções na administração do Grupo Trombini, sem abandonar

sua produção literária, Sinibaldo deverá lançar ainda no primeiro semestre de 87 mais duas obras. Seus livros, aliás, aliam-se às obras assistenciais, às quais destina a arrecadação de lançamento. Como ocorreu quando repassou à Santa Casa de Misericórdia uma importância que contribuiu para as reformas nela realizadas, numa campanha que movimentou toda a comunidade curitibana recebendo, inclusive, o reconhecimento da provedoria daquela entidade.

Assim é Sinibaldo Trombini, um homem dedicado à sua empresa, às artes e também ao campo social, que procura desenvolver paralelamente à necessidade de estruturação de um sistema que deve dar apoio a todos os segmentos. Por isso, foi fundador e primeiro presidente do Sindicato do Papel, Celulose, Pasta Mecânica e Cortiça em Morretes; fundador e primeiro presidente do Conselho de Representantes do Paraná; além de ter militado junto a entidades como Associação Comercial, Federação do Comércio, Federação das Indústrias, Federação do Comércio Varejista, bem como em clubes sociais, esportivos, assistenciais e de serviço.

Com um currículo deste porte, Sinibaldo Trombini é, antes de tudo, antes mesmo de administrador, um bom sujeito.

PARTICIPE DO GUIA SETORIAL DA REVISTA CELULOSE & PAPEL

A revista CELULOSE & PAPEL está preparando uma edição especial com um GUIA SETORIAL da área celulósico-papeleira, do qual constará a relação dos fornecedores do setor, além das empresas fabricantes de papel e celulose, com seus principais executivos, técnicos e produtos.

Do GUIA SETORIAL constarão, sem qualquer ônus, fornecedores enquadrados nos seguintes segmentos industriais:

**Agroindústria — Automobilístico
Construção pesada — Eletroeletrônico
Madeiras — Máquinas e equipamentos
Material de transporte — Metalurgia e mineração —
Minerais não-metálicos
Plástico e borracha — Química e petroquímica —
Siderurgia e outros**

Para inclusão de sua empresa, solicitamos enviar-nos, com a urgência possível, as seguintes informações:

- a) Nome da empresa
- b) Endereço da sede
- c) Principais executivos/funções
- d) Principais técnicos
- e) Principais produtos
- f) Investimentos programados até 1990.

Envie os dados para:



UNIPRESS EDITORIAL

Av. Paulista, 2.006 - 11º andar - Conjs. 1.103 a 1.109
Telefones (011) 285-6233 - 251-0643 - 251-0495 - 251-0366
CEP 01310 - SÃO PAULO - SP

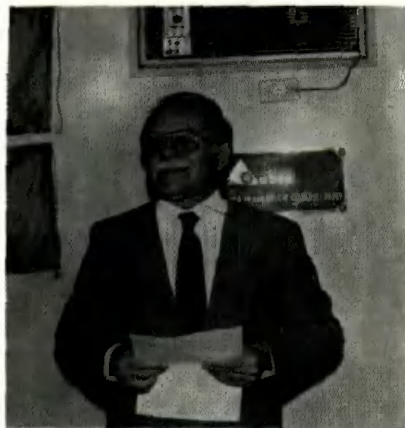
20 ANOS DE ATUAÇÃO EM FAVOR DO SETOR CELULÓSICO-PAPELEIRO

Em 16 de janeiro de 1967, um grupo de homens idealistas reuniu-se num prédio da Praça da República, em São Paulo, com o objetivo de concretizar um antigo projeto: criar uma associação que estimulasse e organizasse o intercâmbio de informações no setor de papel no Brasil, uma entidade semelhante às existentes no exterior. Desse projeto, inspirado nas reuniões promovidas por técnicos — em especial alemães e italianos — empregados nas primeiras fábricas de papel instaladas no País, na época da II Guerra Mundial, nasceu a ABCP - Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel.

Os principais objetivos dos grupos ao criar a ABCP foram: estimular a pesquisa científica e tecnológica no setor de celulose e papel; manter intercâmbio com congêneres estrangeiros; realizar periodicamente congressos, cursos, seminários e reuniões técnicas; promover a especialização de técnicos e práticos nos diversos segmentos do setor; além de manter uma biblioteca especializada e editar uma revista mensal com artigos, trabalhos técnicos e notícias nacionais e internacionais sobre o setor.

Hoje, 20 anos depois, os princípios inspiradores da função da entidade continuam pulsando e alimentando a associação, que vem empenhando, ao longo de todos estes anos, esforços no sentido de promover o avanço tecnológico do setor de celulose e papel, um dos de maior relevância na área produtiva do País.

A atual diretoria executiva da ABCP foi eleita durante o 19º Congresso Anual de Celulose e Papel, em novembro de 1986 e empossada no mês se-



Campanaro (esquerda) discursa e Leonardos (direita) descerra placa comemorativa de sua gestão



guinte. É constituída por: Gastão Estevão Campanaro (presidente), gerente de Marketing da Champion Papel e Celulose; Maurício Luiz Szacher (vice-presidente), assessor da diretoria industrial do Grupo Simão; José Carlos Kling (1º secretário-tesoureiro), gerente-técnico da Simão de Jacaré; Sinízio A. Donatelli (2º secretário-tesoureiro), superintendente de vendas da Champion. Os diretores das divisões que formam a ABCP foram empossados em 28 de janeiro último, durante a primeira reunião da nova diretoria eleita.

A homenagem às antigas diretorias

Em comemoração aos seus 20 anos de existência, a ABCP realizou em sua sede, em São Paulo, no último 28 de janeiro, a cerimônia do descerramento de placas alusivas às diretorias que comandaram a entidade.

Desde sua fundação, a ABCP teve onze diretorias. Até 1983, os mandatos duravam um ano, com possibilidade de prorrogação por igual período. Com as reformulações nos estatutos da associação, o prazo de mandato aumentou para

dois anos, podendo chegar a três por decisão do Conselho Executivo. Nestes 20 anos, presidiram a ABCP:

Roberto Barretos Leonardos (de 1967 a 1969);
Alfred Leon (de 1969 a 1970);
Ovídio da Silva Sallada (de 1971 a 1972);
Roberto Barretos Leonardos (de 1973 a 1974);
Benjamin Solitrenick (de 1976 a 1977);
Mário Diotto (1978);
Alfred Leon (de 1979 a 1981);
Clayrton Sanchez (de 1982 a 1983);
e *Cláudio Campos* (de 1984 a 1986).

A abertura da cerimônia de descerramento de placas coube ao diretor da Divisão de Marketing, a mais nova da ABCP, Cláudio de Campos, que convidou o presidente Gastão Estevão Campanaro a apresentar cada um dos ex-presidentes, os quais descerraram as placas referentes às suas respectivas diretorias.

A festividade, que reuniu mais de cem pessoas, representou, segundo Campanaro, “uma homenagem singela a esses homens idealistas que trabalharam muito para consoli-

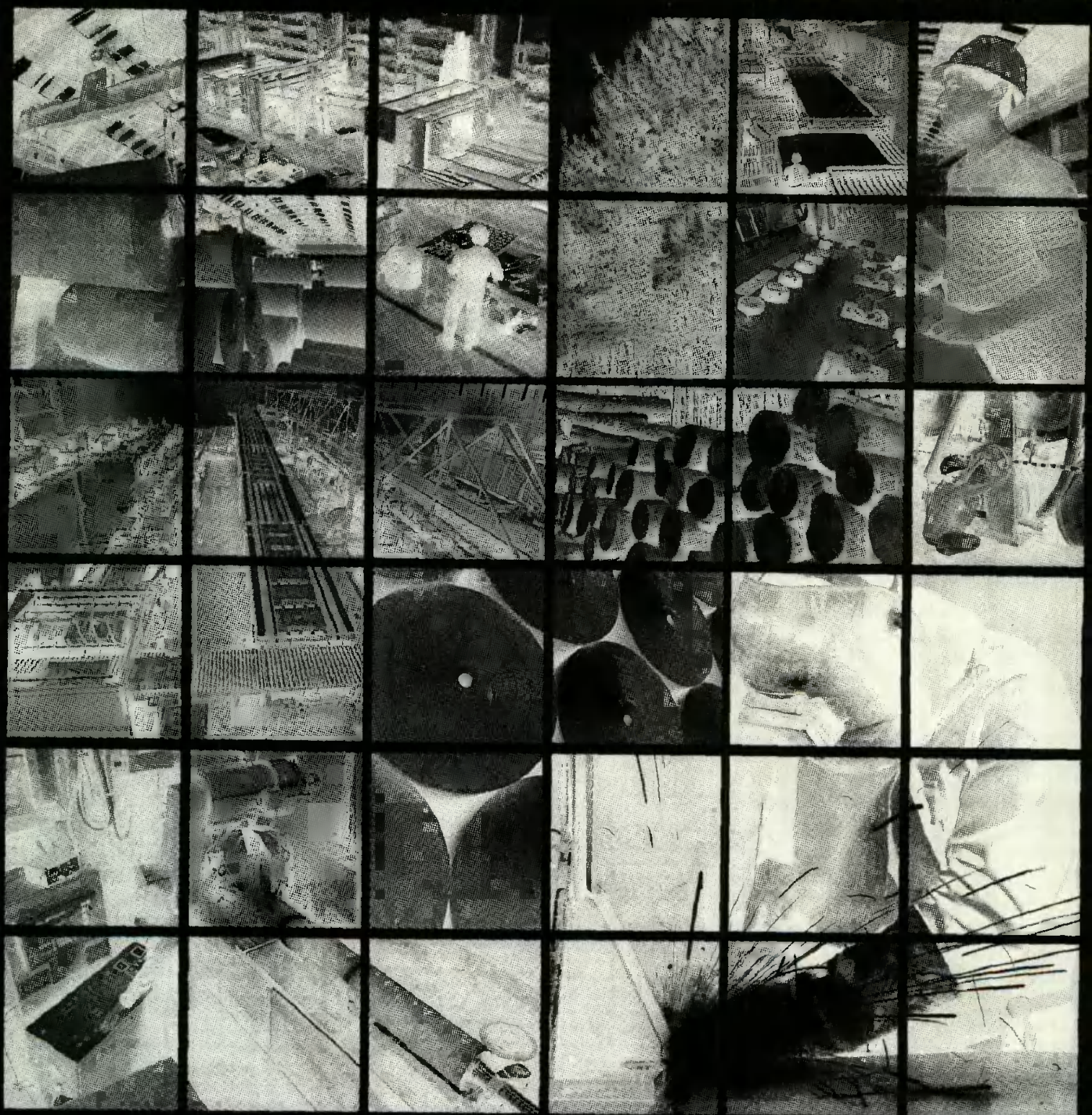
dar os objetivos da associação”. Na ocasião, foram recordados os velhos tempos iniciais e as dificuldades enfrentadas pela ABCP — a principal delas, a inexistência de uma sede-própria.

“A princípio, a ABCP funcionava em uma sala cedida pela Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose” — contou Roberto Barretos Leonardos, primeiro presidente da ABCP. Ovídio Sallada, um dos ex-presidentes, prestou especial homenagem à memória de Alfred Leon, um dos fundadores da entidade, falecido em 1984. As placas referentes às gestões de Leon foram descerradas pela sua viúva, d. Zenilda Leon, e seu filho, João Alfredo Leon.

Os ex-presidentes Mário Diotto e Gunnar N. E. Krog, impossibilitados de comparecer à cerimônia, tiveram suas placas descerradas pelos vice-presidentes, respectivamente, Alberto Fernandez y Sagarra e Clayrton Sanchez.

Após a solenidade, a ABCP ofereceu ao convidados um coquetel, marcando assim a primeira das atividades programadas para a comemoração dos 20 anos de existência da entidade.

Trombini. Nosso papel é construir o futuro.



Ano após ano, o Grupo Industrial Trombini assume um papel cada vez mais importante na economia brasileira.

Com 12 empresas e 14 indústrias distribuídas estrategicamente por todo o território brasileiro, proporcionando 4.500 empregos diretos e beneficiando indiretamente mais de 25.000 pessoas, o Grupo Trombini, hoje, tem seus interesses diversificados pelas áreas de reflorestamento, celulose, papelão ondulado, sacos de papel, máquinas industriais, componentes eletroeletrônicos e agropecuária. Uma participação significativa

no mercado nacional e no volume das exportações brasileiras, com uma receita anual superior a 130 milhões de dólares.

Um número, sem dúvidas, altamente expressivo.

E que reflete bem a filosofia empresarial do Grupo Trombini: uma batalha sem tréguas pela qualidade dos seus produtos, pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pela manutenção ecológica de suas reservas e pela promoção permanente de seus recursos humanos.

Por isso, para que este quadro possa continuar em evolução, gerando

dívidas e benefícios sociais para os brasileiros, o Grupo Industrial Trombini abriu seu capital social, através da holding do Grupo, a Trombini S.A. - Administração e Participação.

Uma forma racional de ampliar seus investimentos e negócios, aumentando a sua capacidade de produção e iniciando uma diversificação ainda maior nas atividades do Grupo.

Um caminho natural, para quem acredita que o investimento no trabalho sério e profissional é o melhor meio para se atingir o desenvolvimento.

Grupo Industrial Trombini. Crescendo com o Brasil. Consciente de seu papel na construção de um futuro claro e certo.



TROMBINI

SETOR GRÁFICO QUER LIBERAÇÃO DA IMPORTAÇÃO DE EQUIPAMENTOS

O Brasil tem plenas condições de passar a produzir todos os serviços gráficos e livros que atualmente importa. Isso, desde que as indústrias gráficas tenham meios de expandir seus parques — uma possibilidade descartada, ao menos até que o Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) resolva dar andamento aos cerca de 70 projetos parados neste órgão à espera de autorização para importação de equipamentos.

A liberação dessas importações é um passo fundamental para o crescimento do parque gráfico nacional, que no ano passado atingiu sua capacidade máxima. A curto prazo, o País voltaria, inclusive, a exportar livros, como ocorreu até 1985. “Naquele ano — lembra Max Schrappe, presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf) e do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de São Paulo (Sindigraf) — o País exportou US\$ 10 milhões, correspondentes a uma produção de 16 milhões de livros. Agora, se tornou um importador. Esta inversão na balança é altamente prejudicial, não só para a indústria editorial brasileira, mas para o Brasil como um todo.”

Já o presidente da Câmara Brasileira do Livro, Alfredo Weiszflog, frisa: “Se cada dólar gasto em importação de livros e serviços gráficos fosse investido na compra de equipamentos gráficos, seria possível produzir aqui, em cinco meses, tudo o que se importa e, ainda, abrir mais sete meses de capacidade de produção”. Mas não só o setor gráfico está enfrentando problemas. O de papel encontra-se com planos de investimentos de US\$ 2,5 bilhões

em andamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), também aguardando solução.

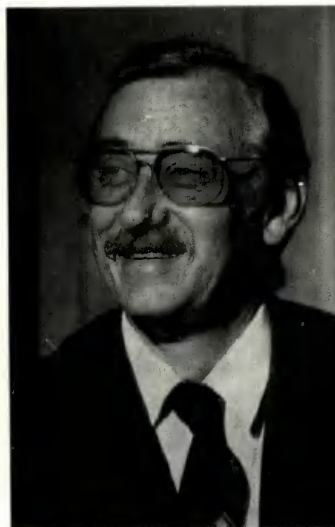
E todos estes “entulhos” — destacam Schrappe e Weiszflog — poderão frear um pouco os planos do setor livreiro, que pretende manter um ritmo de crescimento de 15% ao ano, visando dobrar, até 1991, a produção. Isto significa chegar àquele ano produzindo 720 milhões de exemplares. A produção atual é de cerca de 360 milhões de livros/ano.

Ação governamental

Ultrapassar a casa dos 700 milhões de exemplares/ano é uma tarefa difícil, que poderá, entretanto, ser facilitada pelo Governo, não só com a liberação das importações de equipamentos e andamento dos projetos, como também na compra direta de livros. E disposição para levar adiante esta luta é o que não falta aos setores ligados ao mercado livreiro e à indústria gráfica em especial, segundo garante Max Schrappe.

Até uma campanha visando esta duplicação da produção foi lançada recentemente, pela Câmara Brasileira do Livro em conjunto com a Associação Paulista de Fabricantes de Papel e Celulose. E a este movimento devem aderir não só os industriais do setor, mas também o povo e o Governo. Ao menos é o que sugere seu slogan: “Um país se faz com homens e livros”, a famosa frase de Monteiro Lobato.

Um detalhe interessante é lembrado por Alfredo Weiszflog, ao mostrar que tal campanha não é tão ambiciosa co-



Schrappe: setor livreiro pretende crescer 15% ao ano.

mo pode parecer: se a meta for atingida, o País passará de um consumo *per capita* ano de três para cinco livros. O que ainda é pouco, segundo ele, já que Estados Unidos, França e Alemanha, por exemplo, consomem entre dez e doze exemplares *per capita* ano.

Para tanto serão necessários, porém, além de ajuda do Governo, da adesão dos empresários do setor àquela meta e do próprio povo, maciços investimentos. No setor gráfico, segundo o presidente da Abigraf e do Sindigraf, Max Schrappe, eles chegariam a US\$ 302 milhões. Já no setor de papel e na área editorial, seriam necessários, respectivamente, investimentos da ordem de US\$ 270 milhões e US\$ 181 milhões, conforme estimativa de Alfredo Weiszflog.

Crise generalizada

Um exemplo marcante da crise que atinge o setor gráfico é fornecido por Alfredo Ma-

chado, presidente da editora Record: “Tenho condições de transformar-me de importador em exportador de livros em seis meses”. Para tanto, a empresa precisa importar uma máquina — “revolucionária” segundo ele — dos Estados Unidos. Só que tal projeto está há meses parado no CDI, aguardando, ao lado de dezenas de outros, a aprovação.

“A máquina, em um turno, cobriria todas as nossas necessidades. Em outros dois turnos, atenderíamos ao mercado interno e externo” — diz Alfredo Machado. E, com isto, a Record deixaria de importar anualmente dois milhões de exemplares de livros, mandados imprimir nos Estados Unidos, devido ao esgotamento da capacidade gráfica do País. Atualmente, a produção da empresa é de 6 milhões de exemplares/ano.

E qual a explicação para a posição do Governo, dificultando tais importações destinadas ao parque gráfico? Para Machado, é a “hora de penúria cambial” em que o País se encontra. “Toda e qualquer importação gráfica está adiada. Mas, em breve o CDI deve reunir-se; e vamos ver se as coisas melhoram”. Porém, no caso específico da Record, seu presidente estranha a posição governamental: “Não haveria o desembolso imediato de divisas, já que o projeto conta com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento”. O presidente Sarney teve conhecimento dos planos da editora “interessando-se bastante”, segundo Machado. “Mas — ressalta ele — quem manda na área econômica é o ministro da Fazenda que adiou tudo.”

CURSOS NA ÁREA TÉCNICA

Para o próximo trimestre, a ABCP - Associação Técnica de Celulose e Papel organizou uma extensa e variada programação de cursos, com abrangência em várias áreas técnicas.

Os cursos são os seguintes: "Utilização de Reciclados no Papel e Cartão" (07/05), "Básico sobre Lavagem de Polpa e Cartão" (12/05), "Princípios Básicos de Fabricação de Papel e Celulose - II" (20/05), "Alvejamento da Celulose" (27/05), "Seção de Prensagem — Como Melhorar sua Produtividade" (28/05), "Controle de Qualidade - Testes Físicos, Químicos e Ópticos" (11/06), "Inversor de Frequência para Motor de Corrente Alternada" (11/06), "Controle de Processos - Módulo IV - Evaporação" (17/06), "Princípios Básicos de Fabricação de Celulose e Papel - III" (25/06), "Pastas de Alto Rendimento" (30/06), "Mecanismos de Proteção Anticorrosiva" (01/07), "Controle de Processos - Módulo V - Cal-

deira de Recuperação" (15/07), "Princípios Básicos de Fabricação de Celulose e Papel - IV" (16/07), "Aferição, Operação e Manutenção de Equipamentos de Laboratório" (20-21/07) e "Treinamento Básico de Efluentes Hídricos" (24/07).

Esta programação inclui ainda o "Encontro de Profissionais de Recursos Humanos", a ser realizado a 13 de maio, em São Paulo; os seminários "Controle de Qualidade na Fabricação de Papel e Celulose", que acontecerá no Paraná, a 7 de julho; "Cortadeira - Causa e Soluções dos Defeitos no Papel", em São Paulo, a 9 de julho; Pastas de Alto Rendimento, também em São Paulo, no dia 14 de julho; e ainda o "2.º Seminário de Papel Kraft e Cartão", a 15 de junho, em Santa Catarina.

Maiores informações podem ser obtidas através do telefone 572-9182 ou na sede da ABCP, à rua Ximbó, 165 - Aclimação - São Paulo.

NOVA DIRETORIA DA ABNT

Em sessão solene, no auditório da Companhia Siderúrgica Nacional, foram empossados os novos conselheiros da ABNT — Associação Brasileira de Normas e Técnicas para os próximos quatro anos e a diretoria eleita que comandará a entidade no biênio 87/88.

Mauro Thibau, novo presidente da ABNT, pretende continuar o processo de recuperação da entidade, aumentar e atualizar o número de normas, com o objetivo de proporcionar a qualidade — objetivo imprescindível no desenvolvimento econômico do País.

Alberto Cotrim, agora deixando a presidência da ABNT, lembrou que sua administração trouxe a implantação da computação no controle da contabilidade e cadastro de sócios da entidade, aumentou o ritmo de preparação e publicação de Normas Técnicas, além de promover a expansão de suas vendas e estudos para aperfeiçoar o Departamento de Marca de Conformidade. Ao final da programação, foi inaugurado o retrato de Alberto Cotrim na Galeria dos ex-presidentes da ABNT.

ABRIL

- Acontece em Hannover, Alemanha Ocidental, de 1.º a 8 de abril, a HM'87 - Feira Industrial de Hannover, promovida pela EPI - Consultoria e Planejamento Ltda.

- A I Amostra Nacional de Equipamentos e Serviços de Controle Ambiental, será realizada de 7 a 10 de abril, na Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, numa promoção da Certame Eventos.

- Mil expositores e mais de 25.000 visitantes de 70 países são esperados para a SPCI'87 - Semana Mundial de Celulo-



se & Papel, que acontecerá em Estocolmo, Suécia, de 7 a 10 de abril. Esta é considerada a mais importante exposição para o setor, em termos de máquinas, equipamentos e serviços. Maiores informações com Adforum, Forest Industry House, pelo telefone 46 8 235 235, ou pelo telex 46 8 104 194.

- O tradicional Hotel Glória, do Rio de Janeiro, recebe, de 19 a 25 de abril, a II Jornada de Engenharia dos Países de Língua Portuguesa, que será promovida pela H. Camargo, Arquitetura Promocional e Paisagismo.

- A 13.ª Exposição e Feira Internacional de Buenos Aires — O Livro do Autor ao Leitor, tem o objetivo de mostrar, numa seqüência a totalidade do processo de criação, industrialização, comercialização e difusão do livro, desde o autor até sua chegada ao público consu-

midor. O evento acontecerá de 27 de março a 13 de abril. No Centro Municipal de Exposições de Buenos Aires. Maiores informações pelos telefones DD1 (541) 855-4683 e 855-5093.

MAIO

- A I InforNor - Feira Norte/Nordeste de Informática acontece em Recife, no Centro de Convenções de Pernambuco, de 9 a 17 de maio, promovida pela Guazzelli Associados Feiras e Promoções.

- No período de 15 a 19 de maio, será realizado em Foz do Iguaçu, no Hotel Carimã, o 7.º Congresso Brasileiro da Indústria Gráfica, que contará com a participação de cerca de 500 empresários e profissionais do setor. O programa do evento prevê sessões plenárias com palestras, formação de comissões de estudos, discussões e reuniões plenárias de avaliação.

A promoção é da Abigraf — Associação Brasileira da Indústria Gráfica, sob organização da Abigraf Regional do Paraná, em colaboração com o Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Paraná. Maiores informações com a Abigraf Regional do Paraná, rua José Loureiro, 464, 9.º, cj. 91 - Curitiba, ou pelo telefone (041) 223.3705.

- 41.º Salão de Artigos de Papelaria e Escritório ("National Stationery Show") será realizado de 17 a 20 de maio, no Jacob K. Javits Convention Center, em Nova York. O evento é considerado a mais importante mostra do setor nos Estados Unidos, contando com a participação de mais de 1.000 expositores, entre fabricantes e distribuidores norte-americanos e europeus. Maiores informações podem ser obtidas jun-

Veja como receber **CELULOSE & PAPEL** e ficar muito bem informado.

A revista CELULOSE & PAPEL é o veículo de comunicação desse importante setor econômico brasileiro que é a indústria celulósico-papeleira.

Assim, é leitura obrigatória para executivos e técnicos não só do setor, como de todas as áreas decisivas da economia — sejam governamentais ou privadas. Para que pessoas importantes nas áreas administrativa, técnica e financeira de sua empresa recebam a revista CELULOSE & PAPEL, envie seus nomes (dando cargos e endereços) à UNIPRESS EDITORIAL LTDA.

Os pedidos de assinatura que chegarem até janeiro serão atendidos gratuitamente.

UNIPRESS EDITORIAL LTDA.

Av. Paulista, 2.006 — 11º andar — Conjs. 1.103 a 1.109
Fones: 251-0643 — 251-0495 — 251-0366 — 285-6233
CEP 01310 — SÃO PAULO — SP

EVENTOS

to ao Brazilian Government Trade Bureau (551 Fifth Avenue, Suite 210 - New York, NY 10176) e no Ministério das Relações Exteriores - Divisão de Feiras e Turismo, 70170 - Brasília - DF.

• De 20 a 22 de maio, no Palácio das Convenções do Parque Anhembi, em São Paulo, será realizado o 12º Fórum de Análise do Mercado de Celulose, Papel e Artes Gráficas. Durante o evento, promovido pela Anave - Associação Nacional dos Homens de Venda em Celulose, Papel e Derivados, serão analisados e discutidos temas diversos relacionados aos diferentes segmentos da indústria de celulose e papel do Brasil. Maiores informações podem ser obtidas na secretaria da Anave, rua Alabastro, 165, São Paulo - SP, ou pelo telefone (011) 279.8570.

• Será realizado no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi, em São Paulo, a II Expo Brasil-Portugal, promoção da Lemos Britto Promoções e Empreendimentos.

• De 29 de maio a 7 de junho realiza-se em Buenos Aires a Infotelecom'87 — 5ª Exposição Internacional de Equipamentos, Técnicas, Serviços para Informática, Teleinformática e Telecomunicações. Na mostra, os mais recentes equipamentos, *softwares*, computadores e microcomputadores. Maiores informações pelo telefone DDI (541) 37.5399.

AGOSTO

• Mais um evento que prestigia a área de computadores: Informática'87, que acontecerá de 31 de agosto a 6 de setembro, no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi, em São Paulo. Promoção da Guazzelli

Associadas Feiras e Promoções.

• O Seminário sobre Gerência de Importação de Papel e Papelão que acontecerá em Helsinque, Finlândia, de 24 de agosto a 9 de setembro, abordando um vasto temário, é indicado a executivos envolvidos com importação de papel e papelão. Maiores informações com Prodec Helsinki School of Economics - Telefone 43131, ou com International Trade Center Unctad/Gatt, telefone 346021, Suíça.

SETEMBRO

• A III Feira Internacional do Livro acontece no Rio de Janeiro - Riocentro - de 10 a 20 de setembro, promovida pela Fag Arquitetura Promocional.

• No Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, será realizada a I Brasil Expo-RH - Exposição de Equipamentos e Serviços de Recursos Humanos. O evento irá de 16 a 19 de setembro, promovido pela Relevo Promoções e Participações.

OUTUBRO

• Acontece, em Buenos Aires a IV Feira Internacional da Indústria Gráfica, de 24 de outubro a 1º de novembro, no Centro de Feiras de Palermo. O evento é organizado pela Federação Argentina da Indústria Gráfica e Afins — Faiga. Maiores informação pelo telex 18901/18597 — CUNAR AR (1017) Buenos Aires-Argentina.

• De 30 de outubro a 1º de novembro acontecerá a Expo Brasil-China 87, no Pavilhão da Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Promoção: Foco Feiras, Exposições e Congressos.



DESDE 1974 CRESCENDO COM O BRASIL

JPE, uma empresa brasileira de capital privado, experimentou, durante estes anos, contínuo crescimento e equilibrada diversificação, correspondendo à rápida evolução da economia brasileira.

Fomos um dos pioneiros na fixação e desenvolvimento de tecnologia em CELULOSE E PAPEL no BRASIL, e até hoje somos líderes deste mercado, um importante segmento dos nossos negócios.

Existem razões fortes para esta liderança:

- Tecnologia
- Capacitação Técnica
- Preços competitivos
- Pontualidade

JAAKKO PÖYRY

RUA VERBO DIVINO, 1061

CEP 04719

FONE 524-4422

CAIXA POSTAL 60502

TELEX 1124320 JAKO-BR

SÃO PAULO - SP

O PROCESSO DE LIQUIDAÇÃO DE AÇÕES E A EXPANSÃO INDUSTRIAL



Alberto Fabiano Pires *

As oscilações que têm caracterizado o comportamento das Bolsas de Valores podem ser atribuídas a um sem-número de causas. A ruptura do Plano Cruzado foi a principal responsável pela implosão do sistema que navegava em águas tranquilas após o choque de 28 de fevereiro.

Do episódio sobram as lições, e uma ainda frágil sinalização dos caminhos através dos quais os investidores possam dispor de melhores condições para a análise e condução de suas aplicações.

O quadro atual do comportamento das bolsas mostra-se realmente *sui generis*, quando recordamos que a lei que criou a CVM - Comissão de Valores Mobiliários, teve por objetivo o estabelecimento de mecanismos financeiros que possibilitassem, como instrumentos alternativos de médio

e longo prazos, exatamente a capitalização da empresa nacional. O fator de indução dos investidores era representado pela real liquidez do mercado mobiliário.

Hoje assistimos a uma situação inusitada na qual, indiscutivelmente, as vendas de ações em "liquidação" nas Bolsas de Valores são de fazer inveja aos grandes magazines da cidade, que nunca conseguiram manter tão elevados "descontos" durante prazos igualmente tão dilatados.

A qualquer analista não escapa a constatação flagrante de que as cotações atuais dos principais papéis nas Bolsas de Valores estão, com raras exceções e não obstante alguns sinais inconstantes de recuperação, bem abaixo do valor patrimonial da ação.

Uma verificação que aponta para o pior quando consideramos que o valor patrimonial, no caso de empresas industriais — principalmente aquelas de capital intensivo — está longe de representar o valor de reposição das máquinas, equipamentos, instalações e edificações. Teoricamente, tendo como valor referencial o das cotações em bolsas, a "liquidação" permitiria por "bagatela" patrimônios solidificados ao longo de várias gerações.

A título demonstrativo e sem pretender examinar situações ainda mais graves de outras empresas de capital aberto, situemos, como exemplo, o caso das Indústrias de Papel Simão S.A. que se revela suficientemente expressivo para enfatizar o quadro predominante na verdadeira "bolsa de liquidação" que caracteriza o quadro presente do mercado de valores mobiliários.

Produzindo 260 mil toneladas/ano (ou 725 toneladas/dia) de papéis e outras 180 mil toneladas/ano (ou 500 toneladas/dia) de celulose, aos índices básicos de investimento de US\$ 650 mil por tonelada/dia de celulose e de US\$ 225 mil por tonelada/dia de papel, a empresa tem a estimativa de US\$ 488 milhões para o valor de reposição do seu parque industrial daqueles produtos básicos. Acrescentando-se a essa importância o valor das instalações de revestimento (papel couchê e papéis autocopiativos), as plantações de eucalipto — insumo principal para a produção de celulose de fibra curta — hoje representadas por nada menos que uma população de 80 milhões de árvores, mais as terras destinadas ao plantio, dentre outros valores, podemos elevar a estimativa inicial, sem qualquer otimização, a US\$ 550 milhões, correspondente a aproximada-

mente Cz\$ 12.000.000.000,00 (doze bilhões de cruzados) à taxa de câmbio oficial de 26 de março último.

Os dados demonstram de forma inequívoca que o valor de reposição do referido grupo — são cinco unidades industriais em São Paulo, Jacareí, Mogi das Cruzes, Salto e Piracicaba — equivale a algo em torno de Cz\$ 28,00 por lote de mil ações, patamar extremamente distante das cotações nas Bolsas de Valores que estão girando, nas últimas semanas, entre Cz\$ 2,50 e Cz\$ 3,00, também por lote de mil ações.

Então, chegamos à constatação estarrecida de uma situação pouco comum na qual, pelas últimas cotações das Bolsas de Valores, o "valor de mercado" da Papel Simão não ultrapassaria o baixo nível de US\$ 60 milhões!

Uma situação que nos induz à colocação de algumas reflexões, sobre tudo quando recordamos a inteligente concepção legal que representou a criação da CVM visando o estabelecimento de um novo canal de financiamento para os investimentos produtivos geradores de empregos e base promotora eficaz do crescimento.

Como utilizar recursos do mercado de capitais para alavancar a expansão das empresas industriais? Ou — o que significa quase a mesma coisa —, como estimular o crescimento da quantidade de papéis negociados em Bolsas de Valores?

Como irão reagir os investidores e, em consequência e como reflexo, as Bolsas de Valores, quando a lucratividade das empresas industriais se tornar compatível com os valores reais dos investimentos de reposição, base para os projetos de expansão da capacidade instalada de produção?

E diante das questões que se colocam torna-se de real importância aprofundar essas reflexões: algum dia, evoluindo da retórica para a ação, o Brasil terá, de fato, uma política industrial capaz de conciliar os planos governamentais com a mola mestra e irretorquível do sistema capitalista: o lucro?

* Alberto Fabiano Pires é vice-presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e Diretor Financeiro e de Relações com o Mercado das Indústrias de Papel Simão S.A.

NOSSO PAPEL.



Defender
Preservar
Cultivar
Produzir

IRANI
CELULOSE IRANI S.A.



Ninguém se torna líder da noite para o dia.

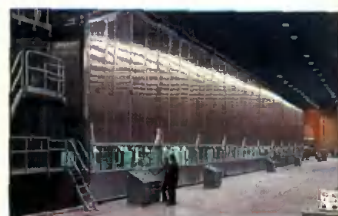
O Grupo Fläkt é uma das 500 maiores organizações fora dos E.U.A., graças à consagração de um respeitável patrimônio tecnológico, reconhecido no mundo inteiro.

65% do mercado mundial de celulose são processados por secadores Fläkt. Mais de 2500 precipitadores eletrostáticos e igual número de filtros de mangas e lavadores de gases Fläkt garantem os mais altos padrões de tratamento de ar e gases em processos de controle da poluição. Somente no Brasil os equipamentos Fläkt filtram e movimentam mais de 20 milhões de

m³ de ar/gases / hora nas áreas de Siderurgia, Papel e Celulose, Cimento, Mineração e outros segmentos. A Fläkt cumpre o que

promete, fornecendo instalações, sistemas e engenharia básica, cujo principal fator é uma tecnologia avançada, com garantia de

desempenho, assistência técnica e maior vida útil para os equipamentos. De quebra, maiores benefícios sociais e melhores lucros.



Fläkt

Fläkt Técnica de Ar Ltda.

R. Brigadeiro Tobias, 356 - 1º Andar Fone: PABX 228-1188

Tel: 011/22250-7111 - 011/222-2221 - 011/527-7322